



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NEUDVANIA ONAEZOKENAZOKAEROSE

**PARA ENSINAR E APRENDER: AS MULHERES *HALOTI* NO ESPAÇO SOCIAL,
CULTURAL E EDUCATIVO DO POVO *HALITI*-PARESI**

Barra do Bugres
Agosto/2025

NEUDVANIA ONAEZOKENAZOKAEROSE

**PARA ENSINAR E APRENDER: AS MULHERES *HALOTI* NO ESPAÇO SOCIAL,
CULTURAL E EDUCATIVO DO POVO *HALITI-PARESI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino, Docência e Interculturalidade

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk

Barra do Bugres
Agosto/2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

058p Onaezokenazokaerose, Neudvania.

Para ensinar e aprender: as mulheres Haloti no espaço social,
cultural e educativo do Povo Haliti-Paresi / Neudvania

Onaezokenazokaerose. - Barra do Bugres, 2025.

98f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário de Barra do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Ronane Duarte Rosa Seluchinesk.

1. Mulheres Indígenas. 2. Haliti-Paresi. 3. Liderança
Indígena. I. Seluchinesk, Ronane Duarte Rosa. II. Título.

UNEMAT / MT- SCB

CDU 37(=1-82)(817.2)

**NEUDVANIA
ONAEZOKENAZOKAEROSE**

**PARA ENSINAR E APRENDER: AS MULHERES HALOTI E SEU PAPEL NA
EDUCAÇÃO DO POVO HALITI-PARESI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado (a) em 22 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ROSANE DUARTE ROSA SELUCHINESK
Data: 24/03/2026 10:40:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
Orientadora (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA
Data: 23/03/2026 08:52:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira
Examinadora Interna (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 AMANDA PEREIRA DA SILVA AZINARI
Data: 12/02/2026 16:00:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Amanda Pereira da Silva Azinari - Examinadora Externa
Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC - MT)

Prof. Dr. Adriano Batista Castorino - Examinador Externo
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Documento assinado digitalmente
 ADRIANO BATISTA CASTORINO
Data: 04/02/2026 18:46:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico esse trabalho às mulheres Haloti do meu povo Haliti-Paresi, guardiãs dos conhecimentos e saberes tradicionais, que com suas sabedorias, coragem e amor, ensinam não apenas com palavras, mas com gestos, histórias e exemplos.

Às anciãs, que carregam a memória e a essência do nosso povo, transmitindo saberes que fortalecem identidades e resistências.

Às jovens, que, entre o aprender e o ensinar, seguem tecendo o futuro, honrando nossas raízes e renovando o compromisso com os saberes tradicionais e com educação tradicional do nosso povo Haliti-Paresi.

Que esta dissertação seja uma singela homenagem ao papel fundamental da Haloti na educação tradicional, um elo vivo entre passado, presente e futuro.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças ao apoio, incentivo e contribuição de muitas pessoas que, direta ou indiretamente, participaram dessa caminhada.

Agradeço, primeiramente, a *Enore* (Deus), por me permitir chegar até aqui, com muita saúde e sabedoria.

Agradeço às *Haloti* do meu povo que compartilharam suas histórias, saberes e experiências, enriquecendo este trabalho com suas vozes e trajetórias. Sem a generosidade e força de vocês, esta pesquisa não teria o mesmo significado.

Agradeço à minha orientadora Rosane Duarte Rosa Seluchinesk, por sua paciência, orientação cuidadosa e por acreditar na importância deste estudo. Seu olhar crítico e incentivo foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus familiares e amigos, pelo apoio incondicional, pelas palavras de encorajamento nos momentos difíceis.

Agradeço à minha filha Eloáh Tayallú Zonaizokero Yawalapiti por ser o meu maior incentivo e força durante essa pesquisa.

Por fim, agradeço à minha própria trajetória, às minhas raízes e à jornada de aprendizado que este trabalho me proporcionou. Que ele possa ser um reflexo da luta e da resistência das indígenas *Haloti* no campo da educação e dentro de suas comunidades.

EHOHITSAKWANE

Eiye atyo kawaiyaka kazomokaka haliyakere zamani haikoni hahotyali koni hohidyonaе nawenane, halotinae nawenane kazawaiyekehalakatyaka maheta. Zóare harenae zamani waiyeze maniya tyomiti, heko kazaikota, hekota waiyolo tyomite, hotikitsa aotyakitsa hatxiyakitsa hawaiyolo makotse halotinae ana. Hoka waiyoloha waiyekehalaka wenati kakwa maheta. Kawaiyaka, kaidyaikakwatyaka, eiye ohidyo zaotyakitsatyaho tyaoneterenaе, zahotyalikitsoatyaho haloti zanetere waiyetare. Eiye kaomakitere kawaiyakitere, halotinae kakwa, awaiyekahalakaitere tyometere awaiyolonikitxoitere haloti tehetiya, awaiyolonikitxoitereheko, hazaotyakitsakaho hohidyo maniya hahotyali konita, hatyo hiyeta, kazamokaka kawaiyaka kazanityaka kazaiminitsaka maheta. Eiye kaomakitere halotinae kakwa atyo eiye hare katawaka kazaidyatyaka zaotyakitsatyaho, ohidyo kwamaniyolo waiye kehalaka maheta. Hatyo hiyeta waiye kehalaka ohidyonaе nawena hawaiyaneaho hazahekola haidyaiene haikoni, hahotyali, halitnae koni mokahitiya maheta. Eiye kawahakotyaka kaidyaiyakitere heko kaiyaka iyanite zakoti harenae waiye kazahekolatya aototatya zawaiyolikitsoatyaho maniya, hatyo hiyeta. Hetati zowakiye hatyo hiyeta alitereze neiya, tyotya tyomehenahere waiyolohenare wenatyaho. Hatyo hiyeta kazamokaka kahotikitsa eiye zaidyatseti hiye zema zaotyakatsatyaho eiye kaomakehenere, link you tubyako kazomokaka hatere hitsoa hoka waiya maheta.

Idyaitinae tseha: Ohidyonaе/Halotinae, hakakwa zaiminitsati, Kaotseti Waikatehatre/Ehalitiyaha.

RESUMO

Esta pesquisa trata de um estudo com abordagem etnográfica sobre as Haloti e seu protagonismo na sociedade indígena *Haliti-Paresi*. A relevância desta temática está na possibilidade de salvaguardar os conhecimentos das *Haloti* e garantir que estes possam ser repassados para as novas gerações pela vivência cultural e por reflexões que podem se dar no campo do ensino, via educação escolarizada e da saúde *Haliti-Paresi*. O objetivo desta pesquisa é compreender o lugar da mulher na sociedade indígena *Haliti-Paresi* no tempo contemporâneo a partir das dimensões da cultura-educação *Haliti-Paresi*, da educação escolarizada e da saúde pelas narrativas de personagens *Haloti*. A pesquisa retrata vivências da pesquisadora, que assim como as demais mulheres presentes neste estudo, também é uma *Haloti*. É neste contexto que se articulam os diálogos entre os conhecimentos que a pesquisadora obteve no seu processo formativo acadêmico com a sua própria educação feita em conjuntos com as mulheres do seu povo. Através das pesquisas com mulheres indígenas, até a fundamentação dos processos de ensino que envolvem as *Haloti*, dialogam com uma leitura de mundo explicitada a partir da visão do feminino na concepção do povo *Haliti-Paresi*. Já a etapa das conversas e observações, que foram registradas com imagens e áudios, sustentaram as ideias obtidas nas leituras e que foram retratadas no produto educacional que se constituiu em um documentário. Como resultado deste estudo encontramos relatos de mulheres que confirmam, desde a sua ancestralidade, um processo formativo no qual elas ensinam e aprendem uma cultura representadas em suas mais diversas manifestações de saberes e práticas. Todo o processo de pesquisa é apresentado tanto neste texto que se segue, quanto no produto educacional em formato de vídeo que se apresenta no formato de *link* para acesso público no canal do *YouTube*, de esta pesquisa possibilitou a produção de um material pedagógico por diferentes formas de uso didático.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; *Haliti-Paresi*; Liderança Indígena.

ABSTRAC

This research is an ethnographic study about Haloti women and their role in the Haliti-Paresi indigenous society. The relevance of this theme is in the possibility to safeguard the knowledge of Haloti women and ensure that these can be passed on to new generations. In order to understand how Haloti women prepare each other for acting in the Haliti-Paresi indigenous society, participatory observations and dialogues on the role of women in education and indigenous movements were conducted. The research portrays experiences of the researcher, who as well as the other women present in this study, is also a Haloti. It is in this context that the dialogues between the knowledge that the researcher obtained in her academic training process with her own education made in conjunction with the women of her people are articulated. Thus, the study of bibliographies, from the decolonial perspective on research with indigenous women, to the foundation of teaching processes involving Haloti women, dialogue with an explicit world reading from the vision of the female in the conception of the Haliti-Paresi people. Already the stage of conversations and observations, which were recorded with images and audios, supported the ideas obtained in the readings and that were portrayed in the educational product that was a documentary. As a result of this study, we found reports of women who confirm, since their ancestry, a formative process in which they teach and learn a culture represented in its most diverse manifestations of knowledge and practices. The entire research process is presented both in this text that follows, and in the educational product in video format that presents itself in link format for public access on YouTube channel.

Keywords: Indigenous Women, Haliti-Paresi, Indigenous Leadership.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Participação da <i>Haloti</i> na Assembleia da Takiná.....	15
Figura 2: Professora auxiliar em Ciências Sociais/FAINDI	22
Figura 3: Discentes da graduação em Pedagogia Intercultural na FAINDI/2016.....	29
Figura 4: Mulheres durante a roda de conversa na Aldeia Rio Verde.....	30
Figura5: Organização Antiga do povo <i>Haliti-Paresi</i>	36
Figura 6: Organização Atual do povo <i>Haliti-Paresi</i>	37
Figura 7: Mapa da Terra Indígena Paresi.....	38
Figura8: Mapa com a localização das aldeias na Terra Indígena Paresi.....	39
Figura 9: Foto do Cacique Geral João Arrezomae (<i>in memorian</i>)	40
Figura 10: Foto aérea da Aldeia Rio Verde.....	41
Figura 11: Três gerações de mulheres <i>Haloti</i>	43
Figura 12: Professores da rede Municipal do município de Tangará da Serra.....	47
Figura 13: Mulheres <i>Haloti</i> em momento coletivo de atividade.....	49
Figura 14: Mulher Haloti preparando o alimento.....	51
Figura 15: Mãe e filha participando do 3º Encontro de Mulheres Indígenas <i>Haloti</i>	54
Figura 16: Minha filha, Eloáh- 2º Conferência municipal de políticas para mulheres...56	
Figura 17: Professora Valdirene Avelino Zakenazerô	61
Figura 18: Professora Nilce Zonizokemairô.....	62
Figura 19: Luciana Nezokemairo.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
Figura 2: Professora auxiliar em Ciências Sociais/FAINDI.....	22
Fonte: Professor Marcio Bernardes de Carvalho, 2025	22
2.1 O início e a continuidade.....	22
2.2 Uma <i>Haloti</i> na escola	24
2.5. Desafios, Carreira e Realizações.....	27
3.1 Organização social do povo <i>Haliti-Paresi</i> (antes e depois) contado pelo meu pai Carlito Okenazokie	34
3.2 População e território <i>Haliti-Paresi</i>	38
3.4 Histórico de como a Aldeia Rio Verde foi criada.....	39
3.4 Educação Indígena e Educação Escolar dos <i>Haliti-Paresi</i>	43
4.1 O surgimento das <i>Haloti</i> : uma relação de complementariedade	49
4.2 A formação de lideranças femininas na cultura <i>Haliti-Paresi</i>	51
4.3. A pedagogia do ser e se fazer uma mulher <i>Haloti</i>	53
4.4. Lideranças <i>Haloti</i> e seus olhares	54
5. ENSINAR E APRENDER: O PAPEL DAS <i>HALOTI</i> NA SOCIEDADE DO POVO <i>HALITI-PARESI</i>	57
5.1 Narrativas de mulheres <i>Haloti</i> e sua ocupação na organização social <i>Haliti-Paresi</i>	60
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no intuito de estudar o tema: “Para ensinar e aprender: as mulheres *Haloti* no espaço social, cultural e educativo do povo *Haliti-Paresi*.” Com a premissa de buscar a compreensão sobre o processo dialético que existe entre ensinar e aprender, na visão do povo *Haliti-Paresi*, este estudo se realizou a partir do relato das mulheres ancestrais e contemporâneas que são consideradas guardiãs e transmissoras da cultura para as mais jovens. É preciso ressaltar, desde as primeiras palavras desta escrita que o processo de transmissão de conhecimento é dialógico e interativo, por isso realizado num contexto material e imaterial da cultura.

Entretanto, desde a definição até a aplicação do conceito de cultura não é uma tarefa simples, pois mesmo na literatura sobre o termo encontramos uma diversidade de abordagens de acordo com a área de estudo, tais como: sociologia, psicologia, antropologia e outras. Neste estudo pela opção do entendimento de cultura com base na abordagem etnográfica com vivências e depoimento das mulheres a nossa opção foi pela definição antropológica.

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas consequências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (Botelho, 2007, p.110).

Nessa perspectiva de cultura com vistas ao entendimento de que é importante conhecer para valorizar, podemos dizer que a feitura desta pesquisa foi a oportunidade de se aproximar de elementos cotidianos que constituem a identidade do povo *Haliti-Paresi*. Dentre estes elementos se destaca o processo formativo mediado pela língua, que segundo Humboldt (2000), é mais do que um instrumento de comunicação: ela exerce influência direta na forma como os indivíduos percebem, compreendem e constroem a realidade, sendo, portanto, um elemento essencial na formação cultural e espiritual de um povo.

Assim a proposta deste estudo nasceu da minha inquietação sobre qual foi e ainda está sendo a importância do papel da *Haloti* em seu espaço social como mantenedora da cultura, principalmente porque são as mulheres que ensinam as crianças a língua materna. Elas ensinam os bebês desde a barriga conversando com a criança na sua língua materna, continuam após o nascimento e assim se segue durante toda a vida falando e ensinando sobre a cultura, sobre a vida numa perspectiva de educação que vai passando oralmente os conhecimentos de geração a geração.

Na minha leitura e das outras *Haloti* com as quais convivo, é de grande relevância registrar nossas histórias as quais denotam que existiu e ainda existe um protagonismo das mulheres em relação ao ato de ensinar e preparar os mais jovens, principalmente as meninas, para realizar os rituais de práticas e saberes. Ainda que existam as práticas culturais e que elas estejam presentes no cotidiano, não há registro, e desse modo o assunto não faz parte do currículo da escola como parte dos saberes tradicionais que devem compor o currículo escolar.

Na lei nº 12.796/13 que trata da formação dos profissionais da educação e dá outras providências alterando a LDB nº 9394/1996 foi incluído em seu artigo 26, a seguinte redação:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 2013).

Assim minha pesquisa foi pensada no sentido de produzir um retrato de como *Haloti* atua no contexto educacional através dos ensinamentos sobre as práticas e saberes culturais, ressaltando sempre as suas lutas e conquistas. Para isso foi realizada uma breve reflexão sobre a *Haloti* no cotidiano da aldeia, bem como, em outros lugares, e suas ações em vários setores como na saúde, na política e na defesa do Território. Neste processo foi destacado a importância das lutas pela busca da autonomia da mulher dentro do meu povo, falando por si própria e representando outras mulheres.

Esta pesquisa foi também uma forma de trazer a discussão a importância de a *Haloti* falar sobre sua vida, seus aprendizados e ensinamentos sobre os conhecimentos tradicionais de nossa cultura. Durante toda a minha infância eu observava as mulheres muito empenhadas em realizar as atividades do dia a dia com base nos ensinamentos das mulheres mais velhas. Hoje com as tecnologias (celular e internet) entrando nas aldeias percebi que as mulheres jovens já não têm muito interesse em buscar aprender com as mães, avós e anciãs do povo.

A forma e o conteúdo que estas mulheres mais velhas ensinavam estão sendo esquecidas e por conseguinte modificados. Outros saberes estão tomando o tempo das mulheres mais jovens e se tornando lugar de consulta sobre suas decisões, como é o caso da busca no *google* e outros sites de busca. Então senti que era necessário fazer algo para que também os conhecimentos tradicionais do povo pudessem ser a primeira referência. Os outros saberes e o que aprendemos na escola podem ser acessados pelas novas tecnologias e métodos escolares, mas a formação que nos dá a identidade de povo *Haliti-Paresi* precisa ser aprendida conforme os costumes antigos. Sobre estes novos tempos e os conflitos gerados a partir dele penso que,

[...] Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar (Krenak, 2019, p. 26).

E ainda que este processo historicamente tenha contribuído para as tentativas de apagamento da nossa identidade entendo que é preciso fazer algo para despertar o interesse das mulheres para que se mantenham na luta para garantir o direito a nossa identidade de povo *Haliti-Paresi*. Neste sentido, este texto é também a possibilidade de começar a despertar nestas meninas e moças a importância de conhecer a cultura das mulheres. as anciãs conhecem e sabem ensinar sobre política, saúde, educação, e outros assuntos referentes a cultura *Haliti-Paresi*. São nestas mulheres que estão os saberes sobre quem nós somos, o que significam esses saberes para nossa existência e como podemos usá-los para manter a tradição e a identidade do povo.

As mulheres indígenas, a partir de décadas de 1990, começam a criar suas próprias organizações ou departamentos de mulheres dentro de

organizações indígenas já estabelecidas na Amazonia brasileira. Ao lado disso, encontros de mulheres de diferentes etnias tem acontecido nos âmbitos nacionais e internacionais. (Sacchi, 2022, p.165).

A indígena *Haloti* possui uma força imensurável, ela carrega em seu corpo e sua alma a existência do seu povo. Tem como papel principal no seu grupo a continuidade da vida e é por isso que precisa ser ouvida, valorizada, cuidada e protagonista da sua própria história e parte de um todo do seu povo. Compreender a posição da mulher dentro do seu próprio povo é construir junto com as demais lideranças um futuro firme para os que ainda virão e por isso os movimentos de mulheres indígenas são tão importantes porque neles há trocas de conhecimentos e fortalecimento.

Figura 1: Participação da *Haloti* na Assembleia da Takiná



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

E é por isso que o objetivo desta pesquisa é compreender o lugar da mulher na sociedade indígena *Haliti-Paresi* no tempo contemporâneo a partir das dimensões da cultura-educação *Haliti-Paresi*, da educação escolarizada e da saúde pelas narrativas de personagens *Haloti*.

É muito relevante o fato de que as *Haloti* são memórias vivas da história do povo, pois são as mulheres que ensinam narrando, contando a história todas as noites repassando para os netos (as) e bisnetos (as) todo os conhecimentos e histórias do

povo *Haliti-Paresi*. Infelizmente são poucas mulheres que ainda estão vivas e têm todo esse conhecimento sobre os saberes e práticas culturais do povo, por isso a relevância de produzir tanto este texto, como o documentário, na forma de produto educacional, sobre as mulheres *Haloti*, que tradicionalmente tem todo esse conhecimento.

Além disso também temos o fato de que as organizações e articulações de movimentos de mulheres indígenas são recentes, bem como a sua saída para estudar e atuar profissionalmente. As lutas das mulheres indígenas também fazem parte das bandeiras levantadas pelo movimento feminista, enquanto movimento político e social de mulheres. Entretanto por terem características e demandas próprias não dão conta de serem representadas por uma linguagem universal para todas as mulheres. Assim a luta por direitos das mulheres indígenas não implica, necessariamente, na adoção do feminismo como referencial teórico ou prático, especialmente entre mulheres indígenas, que constroem formas próprias de resistência baseadas em seus saberes tradicionais, modos de vida e experiências coletivas.

Como afirma Segato (2003) as mulheres indígenas não necessariamente se identificam como feminismo ocidental, pois suas lutas são travadas a partir de outros marcos simbólicos e políticos”. Nesse mesmo sentido, Sánchez Néstor (2005, p 44) complementa: “a resistência das mulheres indígenas está ancorada em práticas coletivas que não se traduzem facilmente nos discursos feministas convencionais”.

A inserção dessa temática na introdução deste trabalho justifica-se pela necessidade de compreender que existem múltiplas formas de enfrentamento as desigualdades de gênero, raça e classe, especialmente no contexto brasileiro, marcado por profundos contrastes sociais e culturais. Assim, a luta das mulheres indígenas destaca-se por desafiar os paradigmas coloniais e por propor outras formas de existência, nas quais território, espiritualidade e ancestralidade são dimensões indissociáveis da prática política.

A pesquisa realizada teve como objetivo geral conhecer e construir estratégias pedagógicas, a partir de relatos e imagens sobre histórias das mulheres *Haloti*, destacando o protagonismo destas mulheres na história do povo *Haliti-Paresi*. Como objetivos específicos:

Identificar a importância cultural da mulher dentro da sociedade *Haliti-Paresi* e conhecer narrativas das *Haloti* sobre suas histórias de vida, aspectos de superação na luta dos direitos e da ocupação social da mulher na sociedade *Haliti- Paresi*.

Produzir material pedagógico sobre as *Haloti* na cultura *Haliti-Paresi* com possibilidades de uso nas estratégias de ensino na educação escolar indígena para isso foram realizadas algumas atividades, tais como: a investigação na história indígena do povo *Haliti-Paresi* de como aparecem as mulheres e qual importância é dada as mesmas; registro das histórias de vidas das *Haloti*, ancestrais e contemporâneas. (*Kozakerehalonae/Kalikini iyolona*). E por fim a análise dos aspectos referentes ao ensino de histórias das *Haloti* nas escolas *Haliti-Paresi* com vistas a construção do documentário sobre as *Haloti*.

Na busca por uma escrita que tenha aspectos da cultura da *Haloti*, baseada na minha própria vivência etnográfica do ser pesquisadora e também parte da pesquisa, é que se apresenta este texto com linguagem e leituras de mundo construídas a partir da visão das mulheres do povo *Haliti-Paresi*. Nesta pesquisa foram entrevistadas de forma narrativa três *Haloti*, onde representaram todas as demais por suas lutas e conquistas e através da utilização da íntegra de suas palavras o registro se deu.

Já o produto educacional foi realizado através de registros através de vídeos do preparo e realização de oferendas reservadas seus motivos somente para o próprio povo, mas que o registro fica justamente importante para que as próximas gerações continuem vendo a importância de realizá-las e o papel insubstituível da *Haloti*.

O texto aqui apresentado está organizado em quatro seções, sendo a primeira voltada para a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, sua história de vida, suas lutas, aprendizados e experiências como *Haloti*. Na segunda seção é abordado o contexto histórico e social do povo *Haliti-Paresi*, trazendo informações sobre a população e o território. Na terceira seção, são tratados os aspectos socioambientais, culturais e na quarta seção a educação na percepção do povo *Haliti-Paresi*.

2 EU SOU UMA *HALOTI*, UMA PESQUISADORA *HALOTI*

Com a intenção de mostrar como eu me constitui como mulher, quero relatar sobre alguns importantes marcos históricos que exemplificam a formação para o protagonismo de uma *Haloti*: a participação no Acampamento Terra Livre (ATL), Marcha das Mulheres Indígenas, Encontro de Mulheres da Rede Juruena e o Encontro de Mulheres *Haloti Paresi*.

O Acampamento Terra Livre (ATL), tem uma participação expressiva das mulheres, e é uma mobilização nacional que ocorre anualmente em Brasília desde 2004, reunindo povos indígenas de todo o país. Neste evento, as mulheres indígenas sempre estiveram presentes, e podemos compartilhar com outros povos as nossas lutas, os nossos produtos, nossas histórias. Com a presença das mulheres conseguimos ter voz e assim ter momentos destinado ao debate sobre questões que envolvem nossas particularidades.

A Marcha das Mulheres Indígenas, que inicia em 2019, ocasião na qual cerca de 2.000 mulheres, de mais de 100 povos, marcharam sob o lema “Território: nosso corpo, nosso espírito”, reforçando que a defesa da terra é também uma defesa do corpo e da vida indígena. Este evento evidenciou a força política e simbólica das mulheres indígenas e sua capacidade de articular pautas que integram gênero, etnia, território e resistência cultural.

Como o argumenta Segato (2003), a complexidade das experiências indígenas exige um olhar atento as particularidades que escapam a gramática do feminismo hegemônico. Ao ressignificarem suas formas de luta, as mulheres indígenas constroem trajetórias de resistência que partem de suas próprias cosmologias e modos de ser no mundo. Tais estratégias, como aponta Sánchez Néstor (2005), envolvem práticas baseadas na oralidade, no cuidado comunitário e na circularidade do saber, elementos que ampliam a compreensão sobre as múltiplas formas de protagonismo feminino.

Inserir essas vozes na discussão, é, portanto, um gesto político e epistemológico: reconhecer que há outras formas de saber e de lutar que não cabem nas estruturas tradicionais, mas que são, em si, profundamente transformadoras.

Ao unir esta temática tão relevante que é o protagonismo das mulheres indígenas com o currículo escolar e suas práticas pedagógicas observamos que

também nesta questão ainda existe uma lacuna muito grande entre o que se propõe como saberes sobre e com os povos indígenas nas escolas indígenas.

Durante o 3º Encontro de Mulheres da Rede Juruena que eu participei, promovido pela rede Juruena Vivo, nos dias 22, 23 e 24 de setembro de 2023 na Aldeia Rio Verde, TI Paresi – Tangará da serra, foi um momento de muito aprendizado, porque foi um momento de conexão e compartilhamentos de experiências entre mulheres do campo, da cidade, das florestas e do cerrado da região do noroeste do estado de Mato Grosso.

A programação estava repleta de momentos especiais para fortalecer a união e a troca de saberes e sabores, durante o evento também teve rodas de conversa para abordar temas essenciais para a nossa vida e o protagonismo das mulheres que lutam pela vida. Teve feira para exposição, troca e comercialização de artesanatos, vestuário, utensílios, e produção das mulheres, troca de sementes para cuidar, compartilhar e cultivar a nossa biodiversidade e nossas raízes ancestrais.

As participantes também abordaram uma variedade de temas fundamentais durante o encontro: como território, saberes tradicionais, saúde e resistência. As mulheres falaram sobre a relação profunda entre seus corpos e o território. O resgate e valorização dos conhecimentos tradicionais passados pelas mulheres mais velhas, pois é a parte essencial da identidade cultural e resistência dos povos.

Esses encontros também servem para fortalecer as pautas de educação diferenciada, bilíngue e intercultural, além de debater o papel da mulher indígena como educadora e liderança. Algumas mulheres compartilharam vivências de violência de gênero, racismo e exclusão social, e também debateram sobre estratégias de fortalecimento das lideranças femininas dentro e fora das aldeias. Os debates incluem a espiritualidade como parte da força e do papel das mulheres dentro das cosmologias de seus povos, enfatizando os rituais, os sonhos e os conselhos dos espíritos ancestrais. Durante este evento tive a certeza do quanto a minha pesquisa de mestrado é importante, pois a voz das mulheres não é apenas objeto de estudo, mas fundamento da construção do conhecimento.

No dia 17 de julho de 2024 também participei do nosso 3º Encontro de Mulheres *Haloti Paresi*, aqui na aldeia Rio Verde T.I Paresi, que fica localizado no município de Tangará da Serra no estado de Mato Grosso. A abertura contou com a presença de lideranças e caciques da região, e também contou com a presença dos parceiros, apoiadores e instituições maiores do povo *Haliti-Paresi*. No período da manhã teve a

abertura do encontro, com a belíssima apresentação cultural do Grupo de Dança e Cântico *Kamahiye* dando boas vindas as mulheres guerreiras, e a todos que estavam presentes na abertura do 3º Encontro de Mulheres *Haloti Paresi*.

Em seguida tivemos a mesa de autoridades, que foi composta por lideranças do povo e por representantes de organizações parceiras e dos governos municipal e estadual. Na parte da tarde teve duas palestras muito importantes para as mulheres, sendo a primeira com o CRAS – Centro de Referência e Assistência Social de Tangará da Serra sobre o cadastro único e ações da assistência, a palestra explicou sobre os programas de assistência social do governo e como podemos ter acesso a esses programas tirando dúvidas da comunidade. A segunda palestra foi sobre segurança alimentar, conduzida pela equipe da EMPAER de Tangará da Serra, foi falado sobre a alimentação saudável e nutritiva desde o modo de produzir até o momento do consumo, a importância de produzirmos o nosso próprio alimento e fortalecer as tradições.

Também foram apresentados espaços de comercialização do excedente das produções, seja via política nacional de abastecimento PNAE - Programa Nacional da Alimentação Escolar, vendido para a merenda escolar, seja abastecendo as demais instituições públicas e mercados locais e promovendo feiras, trocas e vendas locais. O segundo dia de encontro começou com a roda de conversa com o tema “Violência contra a Mulher”. Durante a atividade, foram discutidos os cinco tipos de violência: psicológica, patrimonial, sexual, moral e física, e como elas afetam a vida das mulheres e da comunidade. Além disso, as mulheres também discutiram sobre as formas de enfrentamento à violência.

O último dia do 3º Encontro de Mulheres *Haloti Paresi* foi encerrado com o 1º Concurso de Miss *Haloti-Paresi* e Mister *Haliti-Paresi*, foi um momento de celebração enriquecedora de ancestralidade, juventude e diversidade. Cada participante trouxe na passarela a força e a riqueza de suas raízes. Que momento lindo foi esse desfile, foi um momento inédito e emocionante ver esses jovens fazer o “Desfile Ancestral” agradecemos a todos(a) que contribuíram para a realização do 1º Concurso.

O nosso 3º encontro foi muito importante, pois marca uma nova trajetória da luta das mulheres do meu povo *Haliti-Paresi* em busca dos nossos direitos. O encontro foi coroado a partir do momento em que saem as deliberações para a criação da nossa Associação das *Haloti*, que vai contribuir muito para atender as demandas das *Haloti*, eu acredito que a partir da criação dessa Associação será lançada uma semente, que

ela vai se desenvolver exatamente para que as mulheres possam ser empoderadas, não só no campo do seu direito, mas desenvolver uma economia sustentável que vai de fato trazer o seu bem-estar conforme a legislação.

É com muito orgulho que eu participei e fiz parte da organização do nosso 3º Encontro de Mulheres *Haloti*, o evento contou com várias palestras que reforçaram através do protagonismo das *Haloti* a força, a liderança, a capacidade, as dificuldades e o potencial a ser alcançado por nós mulheres, que cada vez, mas estamos rompendo barreiras e assumindo novos espaços. Acredito também que as palestras foram bastante boas e proveitosas, pelo fato de abordar pautas que tem a ver com o nosso dia a dia, e situações que o mundo está enfrentando hoje como por exemplo a questão Climática. Enfrentamos vários desafios e preconceitos, mas conseguimos fechar com chave de ouro nosso encontro.

Escrever a partir da minha perspectiva sobre a minha participação no 3º Encontro de Mulheres *Haloti* é uma forma potente de deixar registrado a resistência e de afirmar o cuidado que as *Haloti* têm com o nosso território. As indígenas *Haloti* têm reafirmado que não existe uma única forma de ser mulher indígena *Haloti*. Pois temos que valorizar nossa própria trajetória, sem buscar se encaixar em estereótipos.

Esse encontro foi um espaço de escuta, reconstrução e força, essa minha escrita sobre a minha participação do 3º Encontro de Mulheres *Haloti*, nasce do corpo-território que habito, alimentada pelos cantos das mais velhas e pelos passos firmes das que lutam ao meu lado. Nesse encontro, escuto não só palavras, mas memórias ancestrais, dores silenciadas e sonhos compartilhados. É nesse espaço de cura e força que compreendo que ser uma indígena *Haloti* é carregar mundos em mim, e escrever é também fazer com que esses mundos não desapareçam. Minha voz é resistência, minha palavra é caminho. Escrevo porque existo, e existo porque resistiremos juntas.

Figura 2: Professora auxiliar em Ciências Sociais/FAINDI



Fonte: Professor Marcio Bernardes de Carvalho, 2025

2.1 O início e a continuidade...

Nesta parte do texto apresento quem eu sou e como fui me constituindo como *Haloti*, e início pela minha infância. É muito importante registrar a minha história como *Haloti* que luta para contribuir com meu povo. Desde pequena, aprendi que ensinar e aprender não acontecem só na escola: estão também nas conversas ao redor do fogão, nas andanças pelos cerrados em momentos de coletas de frutas, nos rituais, e também no silêncio respeitoso com que escutamos as mais velhas.

Minha avó Anita Zomaiwairo foi, minha primeira mestra. Ao longo da minha infância, aprendi com ela os valores do respeito, da coletividade, da resistência e da importância de manter viva nossa cultura. Através deste tema de pesquisa de mestrado, estarei retribuindo e honrando tudo que aprendi com ela, e com outras mulheres do meu povo *Haliti-Paresi*. Que nossas jovens e futuras lideranças femininas *Haloti* sejam compreendidas dentro de seus próprios modos de ser, ensinar e aprender.

Ao escrever sobre o protagonismo das *Haloti*, não estou apenas fazendo uma pesquisa de mestrado. Estou falando de mim, da minha avó, da minha mãe, das minhas tias, das meninas que estão crescendo agora. Estou dizendo: nós sempre

estivemos aqui. Sempre ensinamos, sempre aprendemos, sempre lideramos. E vamos continuar fazendo isso, com orgulho e com muita força. Essa pesquisa de mestrado é, para mim, uma forma de continuar caminhando ao lado das que vieram antes, de afirmar nossa presença e de fortalecer as que virão depois.

Sou Neudvania Onaezokenazokaerose, *Haloti*. Início narrando aqui um pouco de minha história por ser mulher, jovem e também me inspirar nas mulheres que vieram antes de mim, as quais muitas delas, me educaram com suas palavras, exemplos e sobretudo, com incentivos. Sou mulher indígena do povo *Haliti-Paresi*, nasci no dia 02 de dezembro no ano de 1989 na aldeia Rio Verde, que fica localizado na T.I Paresi, município de Tangará da Serra. Sou filha do cacique Carlito Okenazokie e da dona Luciana Nezokemairo. Até hoje resido na Aldeia Rio Verde. Somos em cinco irmãos: Neuzelane Zoloizomaeroce, Neudson Onazokae, Josiane Okenazokie, Leicimara Okenazokie e eu, Neudvania Onaezokenazokaerose.

Atualmente meus familiares também continuam morando na Aldeia Rio Verde. Quando criança, lembro que passei uma pequena parte da infância com a minha avó paterna, dona Anita Zomaiwairo. Eu lembro que naquela época que convivi com ela a gente acordava bem cedo para ir tomar banho no rio, no caminho ela falava para mim e para minhas primas que para crescermos fortes e cheias de saúde tínhamos que acordar todos os dias bem cedinho para ir ao rio tomar banho, com aquela fumaça ainda saindo da água, pois assim estaríamos purificando o nosso corpo e a nossa alma. Me recordo das vezes que acompanhei minha avó na roça tradicional, ela plantava mandioca, e eu ficava admirando-a. Eu e minhas primas a acompanhamos tantas vezes na roça, e assim observando ela, aprendemos como arrancar mandioca, a descascar mandioca, ralar, fazer massa de mandioca, massa de polvilho, essa convivência com ela foi muito importante para mim, pois tudo que eu aprendi com ela está guardado comigo, e vou repassar para minha filha.

Dona Anita Zomaiwairo, minha avó sempre será um grande exemplo para mim, ela sempre cuidava da família com muito zelo. Com a minha avó Anita Zomaiwairo aprendi o processo de prática cultural alimentar de nosso povo. Essas práticas ainda permanecem presentes na nossa cultura. Com a minha mãe eu aprendi a ser forte, ser uma mulher guerreira, desde pequena ela sempre me incentivou a estudar, ela conta que na época dela, ela não teve a oportunidade de estudar, porque antigamente o papel da *Haloti* era cuidar da casa, cuidar dos filhos, esposo, confeccionar

artesanatos, ir buscar alimentos na roça, fazer chicha e a alimentação para sua família.

2.2 Uma *Haloti* na escola

Eu comecei a estudar com 08 anos de idade na escola Dr. Hécio de Souza, que fica localizado na cidade de Tangará da Serra, até hoje sou grata a minha primeira professora que me ensinou com tanto carinho e dedicação e até hoje me recordo dela com tanto carinho e admiração, o nome dela é Juranice, foi tão importante na minha alfabetização que me lembro dela até hoje.

Estudei nessa escola até o 3º ano, na época era 3ª série. O 4º ano eu concluí na aldeia, na escola Municipal Indígena Zozoiterô com a professora Nilce Zonizokemairô, onde a mesma foi a primeira *Haloti* atuar como professora na escola Municipal Indígena Zozoiterô, ela é uma referência para nós *Haloti*. Quando terminei todas as séries do ensino fundamental, ainda não tinha oferta de Ensino Médio nas escolas indígenas *Haliti-Paresi*, então novamente, tive que retornar para a cidade de Tangará da Serra para dar continuidade nos estudos, fui matriculada na Escola Estadual 29 de Novembro, onde estudei o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio.

O Ensino Médio foi implantado na aldeia Rio Verde em agosto de 2007, uma reivindicação da comunidade de quatro aldeias: *Rio Verde*, *Kotitiko*, *Kamae* e *África*. Para que os filhos pudessem terminar a educação básica sem sair da aldeia. Foram contratados quatro professores indígenas para dar aula para os alunos, Alinor Alves Zezonai, Nilce Zonizokemairô, Pedro Nazokemai e Rony Valter Azonaece. O nome da escola foi chamado de Escola Estadual de Educação Básica Malamalali. E com a implantação do Ensino Médio na aldeia, eu retornei para a aldeia e concluir o Ensino Médio na escola Estadual de Educação Básica Malamalali.

Depois fiz o curso de Pedagogia Intercultural, onde reforçou mais a ideia de que precisamos ser protagonistas da nossa fala, como *Haloti*, pois no curso de Pedagogia Intercultural, também reforcei a minha visão que a educação vai muito além dos conteúdos formais, pois ela deve valorizar os saberes tradicionais, língua materna e formas de viver de cada povo indígena. Foi nesse espaço que comecei a olhar com mais atenção para o papel das *Haloti* do meu povo *Haliti-Paresi* dentro da comunidade. Comecei a observar com mais atenção como nossas mães, avós e tias

são guardiãs da nossa língua materna, das histórias do nosso povo, dos rituais tradicionais, do cuidado com a terra e com as crianças, e como carregam o peso de muitos desafios. Percebi o quanto enfrentamos desafios, um dos desafios é a luta por reconhecimento dentro e fora da aldeia. Essa tomada de consciência me motivou a querer pesquisar, ouvir e dar visibilidade às vozes das *Haloti*.

A pedagogia intercultural também me fez entender que a escola pode e deve ser um espaço de fortalecimento para as mulheres indígenas. Isso me despertou para a importância de trazer essas pautas para o centro das discussões educacionais, e de ouvir mais as nossas histórias, nossas dores e nossas resistências. O curso de Pedagogia Intercultural também não só me formou como uma educadora, mas também me fortaleceu como mulher indígena *Haloti* que quer lutar pelo bem viver do seu povo, especialmente das *Haloti* que sustentam, com sabedoria e resistência, a continuidade da nossa cultura e, posteriormente, me adentro no PPGECCII, curso de nível de mestrado.

2.3 A *Haloti* no programa de pós-graduação profissional em Ensino em Contexto Intercultural (PPGECCI)

Ingressar no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino em Contexto Intercultural (PPGECCII) foi, desde o início, um grande desafio. O processo seletivo exigiu determinação, organização e coragem, pois significava não apenas buscar um título acadêmico, mas também representar meu povo *Haliti-Paresi* e abrir caminhos para outras mulheres indígenas.

Conseguir a aprovação foi um marco de fortalecimento pessoal. Ao longo do curso, me transformei profundamente, hoje me vejo mais segura, confiante, forte e corajosa para enfrentar desafios e defender a educação indígena. O PPGECCII me proporcionou não apenas o aprofundamento teórico e metodológico, mas também experiências enriquecedoras que fortaleceram minha identidade e ampliaram minha atuação como pesquisadora.

A minha participação no II COINTER-Congresso Internacional promovido pelo PPGECCII em parceria com a FAINDI/UNEMAT, foi um momento de grande importância nessa trajetória. Nesse evento, tive a oportunidade de dialogar com pesquisadores de diferentes áreas e povos e perceber como a realidade do meu povo

Haliti-Paresi dialoga com outras experiências, sempre preservando nossa singularidade cultural. Essa vivência contribuiu para ampliar meus horizontes acadêmicos e consolidar minha postura como educadora indígena.

Até a sexta turma do PPGECEII participaram do programa nove estudantes *Haliti-Paresi*, sendo cinco homens e quatro mulheres. Esse dado mostra o equilíbrio relativo, mas também aponta para a importância de ampliar a presença feminina nesses espaços. Nós, mulheres indígenas, muitas vezes precisamos deixar nossas comunidades para buscar conhecimento em outros territórios e, depois, retornar levando todo aprendizado para fortalecer e transformar a realidade local.

Minha presença no PPGECEII simboliza luta, resistência e protagonismo. Ao ocupar esse espaço acadêmico, reafirmo que a educação é também um ato político e cultural, que preserva nossa história e constrói pontes para o futuro. Este mestrado não foi apenas um título conquistado, mas um processo de transformação pessoal e coletiva, que reforçou meu compromisso de continuar lutando pela valorização da cultura, saberes tradicionais e pela educação de qualidade para meu povo *Haliti-Paresi*.

2.3 As amizades e os compromissos da *Haloti*

No ano de 2017 eu engravidei da minha filha Eloáh Tayallú Yawalapiti Zonaizokero, ela nasceu no dia 24 de outubro de 2017, na cidade de Tangará da Serra.

Ela nasceu antes do tempo, a data para o nascimento dela estava previsto para o dia 5 de novembro, mas como eu comecei a sentir contrações, o médico fez uma avaliação e me encaminhou para o hospital da cidade de Tangará da Serra. Fiquei um dia internada no hospital, e no outro dia ainda continuava sentindo muitas contrações, mas não estava dilatando, então quando foi às 19 horas da noite o médico me encaminhou para a sala de cirurgia, para fazer o parto cesárea. Minha recuperação foi um pouco demorada, mas valeu muito a pena passar por tudo, pois conheci o amor da minha vida, por isso considero essa data do nascimento da minha filha muito importante. Dedico a maior parte do meu tempo para os cuidados e a educação dela.

Hoje a cada dia eu procuro evoluir como mãe, como ser humana, tudo que faço hoje é pensando em mim, e pensando nela. Ela tem apenas 7 anos, mas tem uma

personalidade muito forte, ela voa e muito. Por isso eu sempre estou conversando e orientado ela, quero que cresça com muita humildade, sempre valorizando e respeitando os nossos costumes tradicionais. Nós mulheres temos que ser muito corajosas, guerreiras e potentes para enfrentar os obstáculos e desafios que surgem no nosso caminho, nada é fácil nessa vida, mas tudo depende da nossa força de vontade, do nosso foco e determinação.

Durante a minha vida acadêmica conheci e convivi com mulheres maravilhosas e inspiradoras, fiz amizade com algumas delas, até hoje tenho um enorme carinho e gratidão por elas. No mestrado indígena tive o privilégio de conhecer a Adima Gomes Mario, uma jovem indígena do povo Terena. A amizade dela vou levar para a vida toda, tenho muita admiração por ela, uma jovem muito inteligente.

2.5. Desafios, Carreira e Realizações

No ano de 2013 recebi uma proposta da minha tia Tereza Cristina Kezonazokero para dar aula para os alunos do EJA, na hora eu fiquei muito pensativa, mas aceitei esse desafio. E deu muito certo, pois ao encarar esse desafio descobri qual profissão eu iria seguir. E sou grata a minha tia Tereza Cristina Kezonazokero por ter dado essa oportunidade, pela confiança que teve em mim, pois ser professora é uma responsabilidade muito grande. Desde então, estou atuando na sala de aula até hoje. Hoje a minha inspiração para continuar correndo atrás dos meus objetivos são as professoras Nilce Zonizokemairô, professora Tereza Cristina Kezonazokero e a professora Edicléia Zozoikero, pois desde pequena eu vi a luta delas, os desafios que elas tiveram que enfrentar para chegar onde elas estão hoje. Atualmente, elas são muito respeitadas pelo povo *Haliti-Paresi* e pela sociedade não indígena.

No ano de 2015 saiu o edital da FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, na hora que eu fui comunicada que estava aberto para fazer a inscrição, eu logo peguei carona com o meu tio Salomão até a cidade de Tangará da Serra- MT para fazer minha inscrição. Nas vésperas da prova do vestibular da FAINDI eu estava em Campo Novo do Parecis participando dos jogos indígenas, e por isso me lembro que muitas pessoas duvidaram de mim, ouvi muitos comentários maldosos, muitas pessoas duvidaram de mim.

As únicas pessoas que me incentivaram foram o meu pai, o Gilmar Koloizomae e a minha prima Alessandra Zezezokenazokero. Mesmo com tantas pessoas dizendo que eu não conseguiria ser aprovada, eu peguei carona com meu amigo Gilmar Koloizomae e vim fazer o vestibular aqui no Campus da UNEMAT de Barra do Bugres-MT. Sempre acreditei que era capaz, e dia 02 de dezembro de 2015 quando saiu o resultado, confesso que na hora fiquei com um pouco de medo, mas quando abri meu e-mail e vi meu nome lá, fiquei sem acreditar, meu pai estava comigo nesse exato momento eu falei: “Pai eu consegui, eu passei no vestibular para pedagogia e da minha etnia eu passei em primeiro lugar”. Nesse exato momento eu confirmei, mais uma vez que para chegar onde nós queremos basta a gente acreditar que somos capazes e também termos oportunidades.

Em novembro iniciou a primeira etapa da Faculdade Intercultural na UNEMAT, na cidade de Barra do Bugres-MT. E assim fui para Barra do Bugres, para a primeira etapa do meu curso de Pedagogia Intercultural, e assim conheci a coordenadora do nosso curso a professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, uma mulher muito guerreira, ela nos recebeu com tanto carinho, me senti tão acolhida. Durante a minha trajetória na faculdade tive que enfrentar vários desafios, mas nunca pensei em desistir, mesmo as vezes parecendo impossível chegar até onde cheguei. Um dos meus maiores desafios foi ter que deixar minha filha com o pai dela, eu sofri muito todas as vezes que a deixei. Muitas vezes não me senti incapaz, mas nesses momentos de desespero, dificuldades apareceu mulheres incríveis na minha vida, uma delas foi a professora Dineva Maria Kayabi que me contou toda a sua trajetória acadêmica, ela conversou muito comigo, me aconselhou, e principalmente me incentivou a não desistir.

Essas narrativas são as histórias da minha vida. Ter feito pedagogia Intercultural me marcou muito, as atividades coletivas, o estudo, as leituras, as práticas pedagógicas, tudo foi com muito esforço. Vivemos a pandemia do Covid 19, mas resistimos porque nos ajudamos, porque houve os cadernos pedagógicos que chegaram nas aldeias, e assim com amizade, com carinho e nos apoiando terminamos o curso de Pedagogia Intercultural.

Figura 3: Discentes da graduação em Pedagogia Intercultural na FAINDI/2016



Fonte: Acervo pessoal

Fonte: Acervo pessoal, 2016.

No mosaico de imagens acima, procurei retratar um pouco dessas vivências dentro da FAINDI que me possibilitaram reafirmar a importância do meu povo e da minha cultura, como também, sobre a participação das mulheres indígenas nos diversos espaços como forma de fortalecer e conquistar direitos já assegurados na Constituição Federal de 1988, e muitas vezes, desrespeitado pelo Estado.

Ao mesmo tempo que nos formávamos como professoras, também participamos de projetos e um deles foi o “Ciranda de Mulheres Indígenas: educação, saúde e movimento indígena”. Encontros de discussões sobre a mulher indígena na educação, a saúde da mulher indígena, e a participação no movimento. Nas etapas intermediárias encontros com as mulheres nas comunidades. Na aldeia Rio Verde o encontro discutiu muito a mulher como mantenedora da língua materna junto aos seus filhos e filhas.

Figura 4: Mulheres durante a roda de conversa na Aldeia Rio Verde



Fonte: Projeto Ciranda de Mulheres, 2019.

Concluí o curso com a defesa do meu TCC, em 2022, com tema: “Mulheres *Haloti Paresi*: Lideranças Femininas na T.I Paresi, *Aldeia Rio Verde e Kamae*”. Desde então sou graduada em Pedagogia Intercultural e atuo como professora não só na minha aldeia, mas em outros espaços quando sou convidada.

O estudo não é fácil, para conseguir alcançar todos os nossos objetivos temos que enfrentar muitos desafios. Mas sempre acreditei no nosso *Enore* (Deus). Dia 23 de setembro de 2022 foi um dos dias mais importantes e felizes da minha vida. Enfim, o dia mais aguardado e esperado havia chegado, o dia da nossa formatura. Foi tudo tão lindo e perfeito, muitas emoções ao recordar da minha trajetória acadêmica até aquele momento. E um sentimento de muita gratidão a todas pessoas que fizeram parte dessa conquista. Cheguei muito feliz na minha aldeia, todos os desafios que eu enfrentei durante esses seis anos valeram muito a pena, eu me sentia mais preparada e qualificada para somar e contribuir com a educação escolar indígena do meu povo *Haliti-Paresi*.

Depois da formatura a Diretora da FAINDI mandou o edital do Mestrado Indígena da UNEMAT no grupo da Pedagogia, e assim que vi o edital eu logo pensei em concorrer a uma vaga no mestrado, mas também fiquei com um pouco de receio, pois muitos colegas meus já haviam tentado muitas vezes e mesmo assim não conseguiram ser aprovados no mestrado.

Mesmo com medo e receio eu decidi fazer minha inscrição, vou ser imensamente grata a minha orientadora de TCC, Amanda Pereira Azinari, que foi fundamental para essa minha decisão de fazer minha inscrição, na hora lembrei de tudo que ela me orientou na última etapa antes da minha defesa de TCC. Confesso que tive dificuldade para montar o pré-projeto, pedi orientação e ajuda para alguns professores do meu povo que concluíram o mestrado, mas infelizmente, não tive ajuda, eu até pensei em desistir. Chorei, respirei fundo e disse para mim que eu era capaz sim, e comecei escrever meu pré-projeto, e lembrei da professora Hellen Cristina de Souza. Por mais professoras como ela, fui até a cidade de Tangará da Serra para ela me ajudar abrir o meu currículo lattes, ela também corrigiu o meu pré-projeto. Através dela conheci professoras maravilhosas, recebi orientações importantes da professora Léo. Após uma conversa com a professora Léo acrescentei e mudei algumas coisas no meu pré-projeto.

No dia de fazer a inscrição eu não estava conseguindo, e novamente pedi ajuda para a professora Hellen Cristina de Souza, onde fui até a casa dela. Chegando lá consegui fazer a minha inscrição muito rápida porque a internet dela é muito boa. No dia da minha entrevista acabei confundindo o horário, pois olhei apenas o primeiro cronograma que haviam mandado. Eu não conferi o segundo cronograma que tinha uma alteração no horário da minha entrevista, e por conta da falta de atenção acabei entrando atrasada na sala do *Google Meet* para a entrevista.

Eu fiquei desesperada, achei que seria desclassificada, agradeço ao professores Adailton Alves da Silva, Carlos Edinei e Rosane Duarte Rosa Seluchinesk pela compreensão e pela oportunidade de poder concorrer a uma vaga no mestrado. Eles aceitaram e graças a essa oportunidade consegui fazer uma boa entrevista. No final deu tudo certo, porque mesmo sendo muito concorrido consegui ser aprovada. Hoje estou muito feliz por fazer parte do grupo de professores indígenas que trabalham com as histórias do povo *Haliti-Paresi*. Agora o foco é terminar o mestrado, e para isso estou esforçando muito para que eu possa demonstrar como uma *Haloti* é fundamental na existência e resistência do povo *Haliti-Paresi*.

O protagonismo da mulher indígena dentro da aldeia tem que ser trabalhado com as meninas desde pequena, porque antigamente a mulher era vista como atrás, e o homem na frente, hoje a gente trabalha do lado, em parceria com os homens. Falar do protagonismo da mulher indígena envolve vários aspectos culturais e aspectos sociais, porque a mulher indígena vem crescendo e ocupando vários

espaços, é claro que nem sempre foi assim. Somos mulheres que desenvolvemos funções relevantes em todos os espaços.

Atuar como professora auxiliar na FAINDI foi uma experiência muito significativa e desafiadora ao mesmo tempo para mim. Pois estar de volta nesse espaço, agora como professora auxiliar, me fez lembrar da minha trajetória, do meu próprio processo de formação, dos desafios, aprendizados e do fortalecimento da minha identidade como *Haloti*.

Na FAINDI, tive a oportunidade de dialogar com estudantes indígenas de diferentes povos, o que me faz crescer constantemente. Cada turma traz uma diversidade de saberes, experiências e línguas que enriquecem muito o trabalho pedagógico. Como formadora auxiliar, busco construir um ensino que valorize os conhecimentos tradicionais, que respeite as especificidades de cada povo. Tenho me dedicado também a trazer a discussão sobre as mulheres indígenas para as formações. Acredito que é fundamental criar espaços de escuta e valorização das nossas vivências enquanto mulheres, mães, lideranças e professoras. Compartilhar minha trajetória com as acadêmicas e acadêmicos tem sido uma forma de inspirar e também de aprender com eles.

Essa caminhada na FAINDI me fortalece enquanto educadora indígena e me reafirma o compromisso de continuar lutando por uma educação específica e diferenciada que respeite e valorize nossos modos próprios de ensinar e aprender. Trabalhar como professora auxiliar na FAINDI sem dúvidas foi uma experiência extremamente gratificante e cheia de aprendizados. Cada interação, cada troca de conhecimento foram momentos valiosos que enriqueceram não apenas a mim, mas a todos que participaram deste percurso.

Foi muito inspirador ver o comprometimento e a dedicação de cada acadêmico (a). Nas minhas falas de despedida, falei para cada um dos acadêmicos que eles estão no caminho certo, estão trilhando uma jornada que não só enriquece suas vidas, mas que também vai contribuir significativamente para a nossa educação escolar indígena. Tenho plena confiança de que eles/a continuarão a fazer a diferença, levando adiante o aprendizado e as experiências adquiridas durante o curso.

2.3 O movimento de mulheres indígenas e os laços que unem para a constituição

O movimento das mulheres indígenas busca garantir os direitos garantidos na Constituição de 1988, como o direito a educação específica e diferenciada, demarcação dos territórios, proteção da cultura considerando cada povo, defesa do meio ambiente e da justiça social, não esquecendo da luta pela garantia de ter voz dentro e fora do seu território. Por isso a importância de falar também do território nesta pesquisa entendendo que o movimento das mulheres indígenas também é visto como corpo-território, pois sem nosso território não há fortalecimento das nossas raízes ancestrais.

Além de que todas as experiências foram se constituindo como vivências que contribuíram com a formação de pesquisadora. Essa identidade de pesquisadora *Haloti* tem grande colaboração da universidade nas formas metodológicas de fazê-la, mas imensurável contribuição da cultura, do povo *Haliti-Paresi*, das outras mulheres *Haloti*. Nesse sentido, se faz necessário apresentar a história e a organização social do meu povo.

3 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO POVO *HALITI-PARESI*

O povo *Haliti-Paresi* tem uma história marcada pela resistência e adaptação. Originalmente, habitavam áreas mais amplas, mas com a colonização e expansão agrícola, perderam parte de suas terras. O povo *Haliti-Paresi* estão presentes em 9 Terras Indígenas, das quais seis são homologadas, e três no processo ainda. Essas TIs somam mais de 1.118.000 hectares. Terras que vinham da região do município de Campo Novo do Parecis até Chapada de Guimarães. Desde o século XX, iniciaram um processo de reocupação de duas terras e fortalecimento cultural.

Atualmente o povo *Haliti-Paresi* busca preservar suas tradições e línguas, enfrentando desafios como a luta por reconhecimento legal de suas terras e a proteção por seus direitos. A organização comunitária é forte, com conselhos que promover atividades culturais, educativas e de saúde. Além disso, há um esforço contínuo para integrar práticas tradicionais com a modernidade, garantindo a sustentabilidade no modo de vida e cultural.

3.1 Organização social do povo *Haliti-Paresi* (antes e depois) contado pelo meu pai Carlito Okenazokie

Meus pais contam que as aldeias *Haliti-Paresi* são unidades políticas autônomas, e somente aquelas que formam um grupo local compete arbitrar sobre questões relativas à vida social. De um modo geral, é inconcebível a ideia de que comunidade de outra aldeia possa vir a intervir diretamente nos assuntos de outra comunidade local que não é o seu. O destino de uma aldeia está nas mãos de seu cacique e sua comunidade e as deliberações daquele que lidera a sua comunidade local deve ser respeitada pelos outros caciques, não sendo admissíveis quaisquer tentativas de discussão.

Antigamente a organização social do povo *Haliti-Paresi* estava organizada da seguinte maneira: cacique geral, cacique, pajé, parteira, ancião e comunidade. O cacique geral é o responsável por todas as aldeias, ele é a pessoa que vai cuidar para que todos vivam em harmonia. Ele só interfere quando o cacique de uma determinada aldeia não consegue resolver os problemas da sua aldeia. Já o cacique da aldeia era e é o responsável pela organização somente da sua aldeia. O pajé é o médico

tradicional e espiritual da comunidade, cabe a ele o cuidado com a saúde e os rituais para tratar os elementos materiais e imateriais de todos que coabitam a terra de pertencimento do povo *Haliti-Paresi*. A parteira era a pessoa que cuidava do parto das mulheres da aldeia, acompanhando desde o momento em que uma *Haloti* iniciava a gestação até os primeiros anos de vida da criança. O ancião ou a anciã são as pessoas que já haviam vivido mais tempo, por isso já tinham experiência e por isso ensinavam as novas gerações com o conhecimento tradicional *Haliti-Paresi*. E por fim a comunidade que é composta por todos os moradores da aldeia e estavam sempre à disposição do cacique para as atividades do dia a dia da aldeia.

Antigamente o povo *Haliti-Paresi* tinha uma vida muito tranquila, tanto organização social, quanto na cultura e no seu cotidiano. Os *Haliti-Paresi* não tinham que se preocupar com muitas coisas, porque naquele tempo era mais fácil sobreviver, pois tinha muita caça, pesca, frutas silvestres, a alimentação era mais tradicional, todos faziam roça de toco, todos trabalhavam na coletividade, um ajudando o outro. As práticas tradicionais eram mais praticadas como os jogos tradicionais, festas tradicionais, as casas nas aldeias eram tudo tradicional, as famílias moravam numa casa só, todos eram falantes da língua materna, a parte cultural era mais forte nas comunidades.

Os conhecimentos tradicionais e saberes *Haliti-Paresi* eram mais valorizados pelos mais jovens, todos tinham o interesse em aprender os conhecimentos tradicionais com os idosos, anciões e pajés. O cacique tinha o papel fundamental na organização da aldeia juntamente com sua comunidade, ele era o responsável para organizar a aldeia e todos os trabalhos que eram referentes a aldeia, tinha grande poder e respeito pela sua comunidade. A comunidade era mais unida internamente, respeitavam seus representantes, pois não conheciam as tecnologias de hoje.

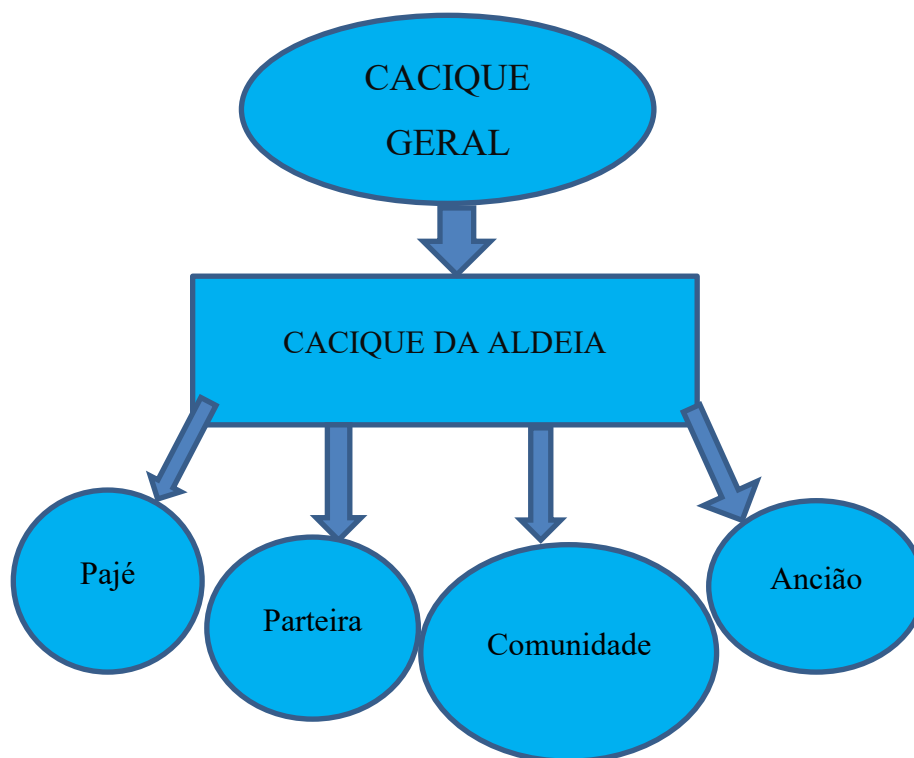
Ao longo dos anos o povo *Haliti-Paresi* foi sofrendo grandes transformações na sua organização social e na cultura tradicional. Passamos por vários processos de transformações em todos os aspectos na nossa cultura, mesmo assim continuamos resistindo a essas mudanças. Os partos eram feitos na aldeia pelas parteiras, hoje em dia muitas já faleceram e algumas ainda estão entre nós. Havia um cuidado entre a gestação que era a mulher e o marido não poder pegar alguns animais e também comer eles, o homem não pode confeccionar a bola nem trançar algumas pinturas corporal na palha. Após o nascimento da criança a mulher ficava durante meses sem poder sair no sol com seu filho, ficando somente em prol da saúde e da criança

enquanto a mãe ou irmã faziam todos os trabalhos domésticos. Hoje em dia para as mulheres indígenas que trabalham no sistema capitalista através da licença maternidade, se pode manter a tradição do resguardo conforme a cultura.

Hoje nesse mundo contemporâneo e globalizado estamos fisicamente, socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente entre o não indígena, as mudanças na alimentação tradicional, para a alimentação industrializada, a mudança na festa tradicional, no esporte tradicional, no costume, na habitação no comportamento e em outras coisas. Assim como a gestação, parto e pós parto mudaram, pois, as mulheres vão, em sua maioria, para a cidade. Não guardam corretamente a dieta do nosso povo durante e pós a gestação.

Entretanto antigamente a organização era diferente, o cacique geral era responsável por todos, ele atuava sobre todos, mas delegava aos caciques da aldeia a responsabilidade sobre o pajé, a parteira, a comunidade e os anciãos. Observamos na figura a seguir que a parteira tinha uma função de destaque junto com o pajé e os anciãos.

Figura 5: Organização Antiga do povo *Haliti-Paresi*



Fonte: Carlito Okenazokie (cacique da aldeia Rio Verde) e Nilce Zonizokemairô (liderança Haloti), 2025.

Atualmente a organização social do povo *Haliti-Paresi* teve algumas mudanças significativas. Hoje, temos cacique geral, cacique, caciques mulheres, lideranças, pajés, anciões, profissionais da educação, profissionais da saúde e comunidades. Cada um tem um papel importante na sua comunidade, além do mais as lideranças, os profissionais da educação e da saúde vem ajudando o cacique nas tomadas de decisões que se refere ao bem estar da aldeia, com o apoio da comunidade. As mudanças vieram para melhorar muito mais a qualidade de vida das pessoas da aldeia, com isso o cacique vem tendo mais respaldo da comunidade da aldeia, a política ficou mais forte e com isso facilitou conseguir as coisas reivindicada pela comunidade.

Figura 6: Organização Atual do povo *Haliti-Paresi*



Fonte: Carlito Okenazokie e Nilce Zonizokemairô, 2025.

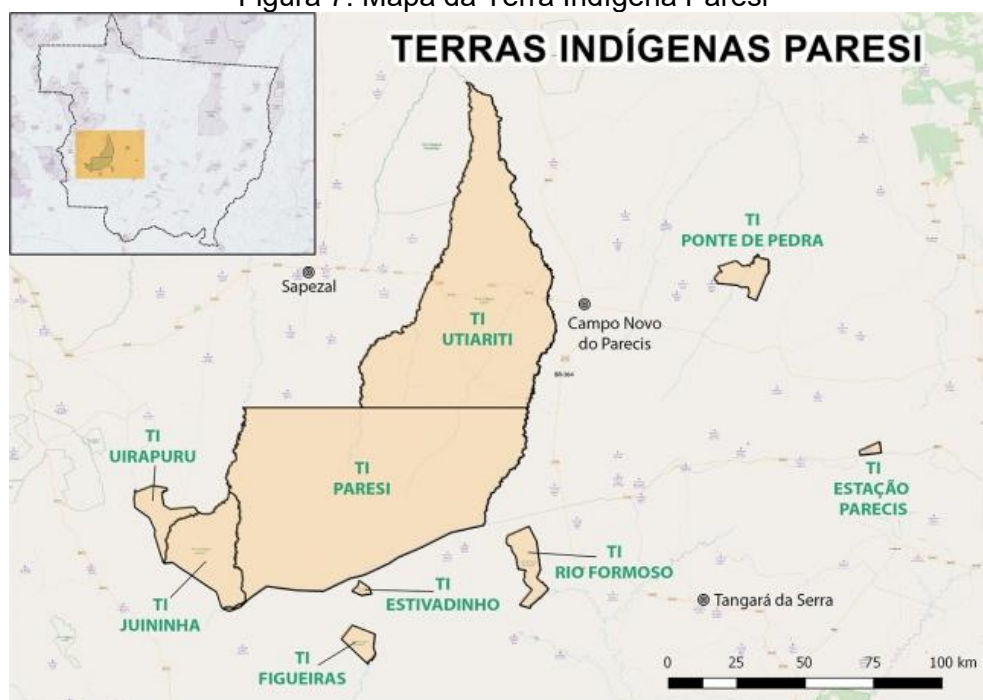
Como pode-se observar, com o passar dos anos houve uma mudança no esquema social do povo *Haliti-Paresi* e a mulher passou a ocupar outros espaços, além do tradicional, como na educação escolar indígena e na saúde indígena. O

grande impacto desta mudança social, que também se nota, foi o quase desaparecimento da parteira. As mulheres passaram a fazer o acompanhamento pré-natal e quando é observado a dificuldade em realizar o parto normal, com a parteira, na aldeia, a mulher é encaminhada a cidade para fazer o parto Cesaria.

3.2 População e território *Haliti-Paresi*

O povo *Haliti-Paresi* é uma das etnias que habitam o estado do Mato Grosso, Brasil. Sua população é composta por aproximadamente 2 mil pessoas (divididas entre os 9 territórios, que são as terras: Paresi, Utiariti, Rio Formoso, Juininha, Estivadinho, Figueira, Uirapuru, Ponte de Pedra e Estação Paresi (informação retirada do livro Plano de Gestão do povo *Haliti-Paresi*. Abaixo a imagem dos territórios *Haliti-Paresi*.

Figura 7: Mapa da Terra Indígena Paresi

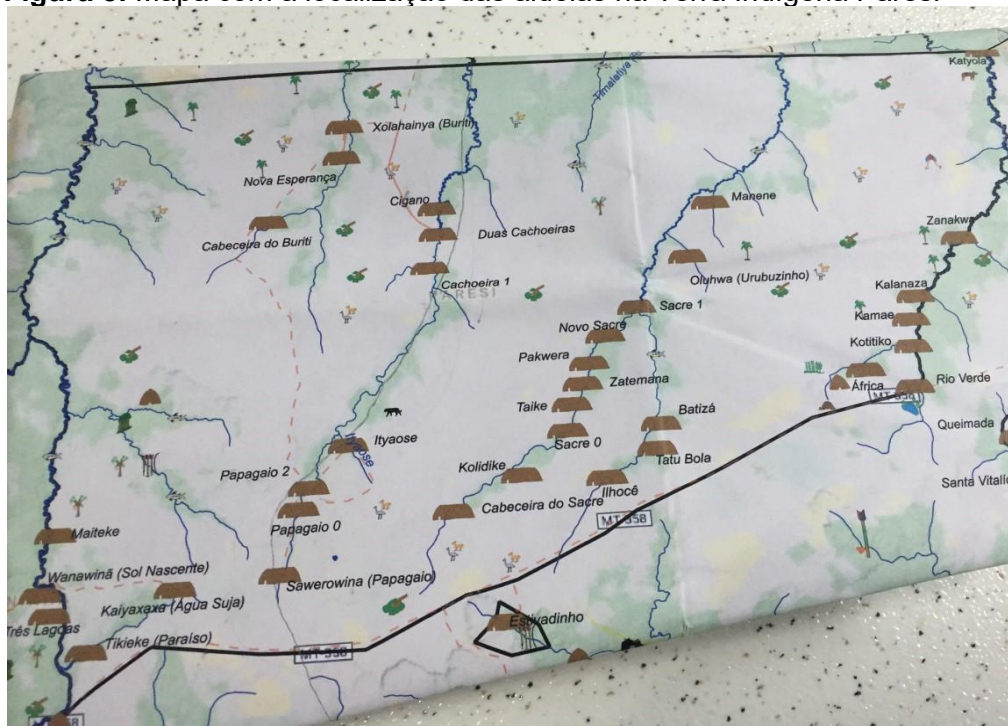


Fonte: Opan, 2017.

Os *Haliti-Paresi* ocupam um território caracterizado por sua diversidade ambiental, que inclui florestas, rios e áreas do cerrado. A Terra Indígena Paresi foi

demarcada e homologada com o decreto 287 – 30/10/1991, tem uma extensão de 563.586 hectares, os rios que passam na Terra Indígena Paresi são o Rio Verde, o Rio Sacre, o Rio Papagaio e o Rio Buriti e as aldeias que pertencem a Terra Indígena Paresi são Aldeia *Rio Verde*, Aldeia *Kotitiko*, Aldeia *África*, Aldeia *Kamae*, Aldeia *Kalanaza*, Aldeia *Katyalarekwa*, Aldeia *Serra Dourada*, Aldeia *Zanakwa*, Aldeia *Manene*, Aldeia *Manoruko*, Aldeia *Cierre 3*, Aldeia *Cabeceira de Urubu*, Aldeia *Sacre I*, Aldeia *Novo Sacre*, Aldeia *Pakuera*, Aldeia *Zatemana*, Aldeia *Taike*, Aldeia *O Sacre*, Aldeia *Kolidiki*, Aldeia *Ilhoce*, Aldeia *Tatu Bola*, Aldeia *Batiza*, Aldeia *Batiza 2*, Aldeia *Cabeceira do Sacre*, Aldeia *Ityaoce*, Aldeia *Papagaio II*, Aldeia *Papagaio O*, Aldeia *Papagaio I*, Aldeia *Cachoeira I*, Aldeia *Duas Cachoeiras*, Aldeia *Okiye*, Aldeia *Cabeceira do Buriti*, Aldeia *Nova Esperança*, Aldeia *Oreke*, Aldeia *Arara Azul*, Aldeia *Zolahainya (Buriti)*, Aldeia *Paraíso* e Aldeia *Água Suja*. Essas são as 38 aldeias que pertencem a Terra Indígena Paresi.

Figura 8: Mapa com a localização das aldeias na Terra Indígena Paresi



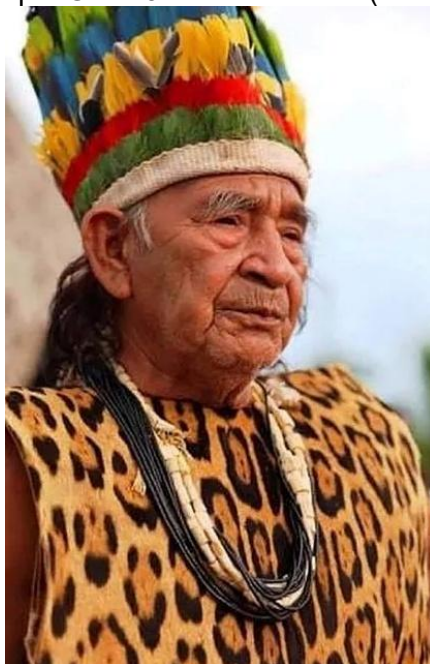
Fonte: Fotografia de acervo da Escola Estadual Malamalali.

3.4 Histórico de como a Aldeia Rio Verde foi criada

A aldeia Rio Verde está localizada na Terra Indígena Paresi, há 110 km do município de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso. A aldeia foi fundada no ano

de 1963, pelo senhor João Arrezomae cacique Geral do povo *Haliti-Paresi* (figura 7). A aldeia Rio Verde foi fundada com o objetivo de defender a área indígena da invasão de fazendeiros, grileiros e de pessoas que vinham de longe e desconhecem os limites da Terra Indígena Paresi.

Figura 9: Foto do Cacique Geral João Arrezomae (*in memoriam*)



Fonte: Diário da Serra, 2025.

Naquela época a antiga BR 364 passava perto da área indígena e também ali do outro lado da estrada funcionava um posto de gasolina com restaurante, lanchonete, que tinha dormitório, para proteger aquela parte da terra indígena resolveu abrir a aldeia para os não indígenas respeitar os limites da terra.

Para morar na aldeia Rio Verde, primeiramente veio morar uma família, que era a família do senhor João Arrezomae, com o passar do tempo seu João convidou outras pessoas para vir morar junto com eles, foi então que o senhor João Bonito e sua família vieram morar na aldeia Rio Verde.

Durante muito tempo poucas pessoas moravam na aldeia Rio Verde, e na década de 80 que vieram várias famílias veio morar na aldeia, assim a população foi aumentando e a aldeia tornou se grande. Naquela época a aldeia tinha uma população de 110 pessoas que era composta de 15 famílias. Na aldeia, tinha nove casas tradicionais (*hati*), uma casa tradicional pequena que é casa da Flauta Sagrada (*Iyamaka*), tinha dez casas de madeiras, uma casa de material do chefe de posto da Funai, um posto de saúde (Polo Base Rio Verde) e uma escola de madeira.

No ano de 2003, na aldeia foi implantada o Ensino Fundamental completo e o salão comunitário foi transformado em sala de aula, em 2005 a energia elétrica chega na aldeia, mas somente na escola tinha energia.

Com o passar dos anos e a necessidade da comunidade foi implantada em agosto de 2007 o Ensino Médio na aldeia, que começou a funcionar no prédio da escola do município, após alguns anos foi construído o prédio da Escola Estadual Malamalali. Algumas famílias foram se mudando da aldeia, foi formando outras aldeias e foi diminuindo a população da aldeia.

Atualmente na aldeia Rio Verde moram 25 famílias, compostas de 75 pessoas. É uma aldeia média. Por ser uma aldeia bem estruturada, ela é referência para outras aldeias, porque aqui são realizadas as reuniões e eventos mais importantes para o povo *Haliti-Paresi*.

Hoje, temos a educação básica aqui na aldeia, em todas as casas tem energia elétrica, tem internet em todas as casas, o Polo Base de saúde foi ampliado, temos dois pavilhões da escola do município e um pavilhão da escola do estado, casa da flauta sagrada continua na aldeia, onze casas tradicionais, doze casas de madeira, uma casa de alvenaria onde mora o genro do cacique e temos o salão comunitário para a realização dos eventos.

Figura 10: Foto aérea da Aldeia Rio Verde



Fonte: Arquivo pessoal do cacique Carlito Okenazokie.

Mesmo com todas as mudanças e transformações que vem ocorrendo ao longo dos anos na aldeia, a comunidade continua fortemente valorizando, fortalecendo, preservando e conservando sua cultura tradicional. Alguns aspectos socioambientais e culturais do povo *Haliti-Paresi* merecem destaque, pois são pilares que norteiam a vida na aldeia, promovendo a interconexão entre as práticas culturais, sociais e a conservação do meio ambiente. Os principais aspectos são:

Relação com a Terra - os *Haliti-Paresi* possuem uma profunda conexão com a terra, que é vista como sagrada. Suas práticas agrícolas, como cultivo de mandioca e milho, são sustentáveis e respeitam os ciclos naturais.

Práticas tradicionais - mantem conhecimentos tradicionais sobre o manejo de recursos naturais, incluindo caça, pesca e coleta de plantas nativas. Essas práticas garantem a biodiversidade e a preservação do ecossistema local.

Desafios ambientais - queimadas desordenadas no período da seca assim como a poluição nas nascentes de rios, na qual suas cabeceiras não estão dentro do território (caso do Rio Verde).

Autonomia e Gestão territorial - a luta pelo reconhecimento do trabalho das lavouras mecanizadas, na qual é fonte de renda para o povo, tem sido de grande luta.

Educação e sustentabilidade - há um esforço para integrar conhecimentos tradicionais com práticas de educação ambiental, promovendo conscientização sobre a importância da preservação dos recursos naturais. Estes aspectos, acima citados, demonstram que o povo *Haliti-Paresi* tem buscado equilibrar suas tradições com as pressões externa, promovendo uma visão de desenvolvimento sustentável que respeita a biodiversidade e a cultura.

Figura 11: Três gerações de mulheres *Haloti*



Fonte: Thaylane Cristina Nazokemai, 2024

O registro acima mostra a minha avó Tarcila Konizokero acompanhada de suas duas filhas, reafirmando a importância da presença feminina na continuidade dos rituais da festa tradicional e dos saberes tradicionais

3.4 Educação Indígena e Educação Escolar dos *Haliti-Paresi*

A educação indígena representa um aspecto crucial na luta pela preservação da cultura, língua e identidade do povo *Haliti-Paresi*. Em um mundo em que a globalização e a homogeneização cultural ameaçam a diversidade, a educação indígena não apenas assegura a transmissão de saberes tradicionais, mas também promove autonomia e o desenvolvimento sustentável das comunidades. É na educação indígena *Haliti-Paresi* que é ensinado a criança, através da sua família e comunidade, de forma direta e indiretamente, sobre como é a cultura, quais são os rituais, cânticos e a língua materna. É nesta educação tradicional que se molda a identidade do *Haliti-Paresi*.

Os homens ensinam o menino sobre a caça, pesca, cânticos, danças,

construção da casa e manejo da roça. Enquanto que as mulheres ensinam sua criança/menina sobre o preparo do alimento, cuidado da casa, confecção de artesanatos, preparo de remédios do mato e o cuidado com a família.

A reclusão da menina moça na cultura tradicional do povo *Haliti-Paresi*, na qual é seguida até os dias atuais, é um marco de passagem da menina que se torna mulher. Esta reclusão acontece quando a menina tem sua primeira menstruação então a família a isola numa parte da *hati* (casa tradicional), usando como divisórias panos ou uma parede feita de palha. Ali somente algumas mulheres pode vê-la, para que aja as transmissões dos ensinamentos tradicionais (hoje em dia uma professora também o acompanha para que a menina não perca o ano escolar), passando até um ano em preparo.

Este preparo se refere a menina moça aprender sobre seu papel na sociedade do seu povo a partir daquele momento que é aprender sobre os alimentos, o cuidar da família, histórias e cânticos, além da proteção espiritual que este ritmo de passagem transmite. Não há meninas que quando se tornaram moças não passaram por este rito, pois é ensinado que “pula-lo” representaria na vida desta moça falta de proteções espirituais.

Para finalizar este processo, uma grande festa é preparada, onde os pais e a família, com muito orgulho, preparam as caças, bebidas tradicionais e frutas para comemorar esta passagem. É escolhido um “padrinho” para menina, e os dois de braços dados, durante o dia, correm até o rio. Ao chegar é passado na cabeça da moça a espuma da mandioca e então ela está preparada para sua nova participação na sociedade *Haliti-Paresi*. Além do acompanhamento de uma professora durante esta reclusão, nos dias atuais, as meninas moças também são ensinadas sobre a importância da participação delas em relação a luta pelo povo, pelo território e por manter a cultura.

Outra forma de educação presente na aldeia, além da educação propriamente *Haloti*, é a educação escolar indígena que se faz dentro de uma interculturalidade pedagógica. Atualmente temos duas instituições de ensino na Aldeia *Rio Verde*, a escola Municipal Indígena *Zozoiterô* e a Escola Estadual de Educação Básica *Malamalali*. As duas instituições de ensino trabalham só com professores do próprio povo tanto homens como mulheres. Hoje, as duas escolas atendem alunos de várias aldeias vizinhas, sempre trabalhando os dois conhecimentos, o conhecimento ocidental (não indígena), conhecimento tradicional do povo *Haliti-Paresi* e o

conhecimento de outros povos indígenas. A filosofia das duas escolas é ensinar os alunos o específico e o diferenciado, formar alunos críticos que saibam defender e buscar os seus direitos diante dos nossos governantes e outras instancias. Hoje também temos internet nas duas escolas, onde os alunos e professores podem acessar e fazer pesquisa. As duas instituições de ensino é referência no município, para outros municípios e para outras regiões, por valorizar e fortalecer a cultura *Haliti-Paresi*.

A escola que nós queremos para nosso povo é uma escola que respeite os nossos costumes tradicionais, que respeite os nossos direitos. E para ter essa escola diferenciada depende de nós professores indígenas fortalecer que já foi conquistado de direito na Educação Escolar Indígenas, para que isso seja possível temos que trabalhar em conjunto com os pais dos nossos alunos, as lideranças jovens, os líderes *Haliti-Paresi* e é claro com o apoio dos caciques. Temos que somar as forças para lutar por essa escola que o nosso povo tem, principalmente as nossas crianças e jovens merecem, porque as nossas futuras gerações têm que ter uma educação específico e diferenciado.

Em relação a Educação Escolar Indígena, realizada em escolas construídas dentro das aldeias *Haliti-Paresi*, observamos as seguintes características:

Comunitária: Porque é conduzida pela comunidade indígena de acordo seus projetos, suas concepções e seus princípios.

Intercultural: Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticos e históricos diferente, não considerando uma cultura superior a outra.

Bilingue/Multilíngue: Porque às tradições culturais, os conhecimentos aocomunados, a educação das gerações através do uso de mais de uma língua.

Específica e Diferenciada: Porque é concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena. (Brasil, 1998)

A Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada é onde o professor ensinará o aluno ter o conhecimento do seu povo, de outros povos indígenas e da sociedade não indígena e assim eles terão uma visão de mundo mais amplo.

Na lei 12.796/13 que trata da formação dos profissionais da educação e dá outras providências alterando a LDB 9394/1996 foi incluído em seu artigo 26, a seguinte redação:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 2013).

Atualmente poucas pessoas conhecem os princípios da Educação Escolar Indígena e por isso nem sempre apoiam e valorizam o trabalho dos professores indígenas que lutam pela Educação Escolar Indígena do povo *Haliti-Paresi*. Mesmo que as escolas das aldeias já tenham professores *Haliti-Paresi* graduados ou em formação, ainda existe espaço para outros que os mais jovens também se preparem para em algum tempo ocupar a função de professores. A Educação Escolar Indígena tem um papel fundamental na formação das novas gerações, com o conhecimento do seu povo, com o conhecimento de outros povos indígenas e com o conhecimento dos não indígenas (conhecimento ocidental). A nossa educação escolar indígena tem que ser formadora de cidadãos pensantes e críticos, que reconheçam seus direitos e deveres. E que nos incentive a continuar lutando por uma Educação Escolar Indígena de qualidade, específica, diferenciada, intercultural e bilíngue.

Nesse sentido vale reforçar a importância de uma educação continuada para os professores, como a que vem sendo realizada para os Professores das Escolas Municipais Indígenas de Tangará da Serra. Essa formação foi idealizada e é realizada pela coordenadora da educação indígena na SEMEC, que atualmente, é a professora Nilce Zonizokemairô, do povo *Haliti-Paresi*.

A semana pedagógica é uma ação da Secretaria Municipal de Educação planejada para promover a formação continuada dos profissionais da educação escolar indígena no município de Tangara da Serra, Mato Grosso. Através de discussões pautadas em conteúdos teóricos e práticos relevantes sobre temas da atualidade da educação escolar mesclando com temas culturais do povo *Haliti-Paresi*.

Os temas são selecionados de acordo com a maioria dos professores, tem como principal objetivo fornecer subsídios teóricos e prático para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula, bem como a fundamentar os profissionais da educação

para o planejamento do ano letivo. Assim é possível fortalecer o trabalho que vem sendo realizado na comunidade e no meio dos não indígenas sobre a importância da existência de uma escola específica, diferenciada e intercultural.

Figura 12: Professores da rede Municipal do município de Tangará da Serra



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

A discussão sobre a educação escolar indígena, no Brasil, ainda sofre com uma imposição do sistema escolar vigente que mesmo apresentando um discurso progressista, mantém em seu sistema, exigências que exclui uma outra leitura de mundo. Nesta perspectiva se encontra o sistema de avaliação e os conteúdos que se chocam diretamente com os saberes culturais.

O ensino de história indígena tende a repercutir essa ‘incapacidade’ de enxergar e compreender o protagonismo e a agência indígena na história dos povos indígenas no Brasil. É possível afirmar que o lugar das mulheres indígenas na história dos povos indígenas tende a ser o de invisibilizado.

Registrar e analisar aspectos da história das *Haloti* e do protagonismo feminino na atualidade e nos mitos para contribuir com as discussões sobre o ensino de história indígena nas escolas *Haliti-Paresi* é o desafio desta proposta de pesquisa e intervenção.

4. UMA LEITURA DECOLONIAL DO PAPEL DA MULHER INDÍGENA NA SOCIEDADE INDÍGENA *HALITI-PARESI*

Uma leitura decolonial do papel da *Haloti* busca dismantelar as narrativas construídas pelo colonialismo e pelo patriarcado que historicamente subjagam e marginalizam essas mulheres. Esse tipo de análise vai além da simples recuperação de vozes silenciadas, ela tenta entender as formas como essas mulheres desempenham papéis fundamentais em suas comunidades e como resistem a dominação colonial e capitalista.

O olhar colonial, em grande parte, retratou as *Haloti* de forma estereotipada, seja como “exóticas” ou como selvagens passivas. Uma abordagem decolonial rejeita essa visão e se concentra em recuperar as histórias e contribuições das *Haloti* dentro de suas próprias epistemologias. Isso inclui suas práticas tradicionais de cuidado com a terra, a família e a cultura, e a centralidade dessas práticas na preservação das identidades indígenas.

As *Haloti* desempenham o papel de guardiãs do conhecimento tradicional. Elas preservam saberes ligados a agricultura tradicional, medicina tradicional, espiritualidade e relações comunitárias. Uma leitura decolonial valoriza esses saberes e resiste a imposição de epistemologias ocidentais que frequentemente desvalorizam essas práticas tradicionais.

As *Haloti* não apenas resistem ao colonialismo, mas também ao patriarcado, que muitas vezes se intensificou com a imposição de estruturas coloniais. Antes da colonização, muitas sociedades indígenas eram matrilineares.

Mulheres indígenas têm liderado movimentos de resistência ao desmatamento, a mineração e a exploração de terras indígenas, que são formas contemporâneas de colonialismo. Elas não são apenas vítimas, mas ativas participantes na luta por seus direitos e pela autonomia de suas comunidades. A abordagem decolonial enxerga esse ativismo como central para a compreensão do papel dessas mulheres na construção de futuros alternativos para além do colonialismo.

Um dos principais focos da leitura decolonial é a valorização das narrativas de sobrevivência e resistência. As mulheres indígenas continuam a manter suas tradições, línguas e práticas culturais, ao mesmo tempo que criam novos espaços de poder e representação. Essa leitura decolonial busca, portanto, um atendimento mais

profundo e respeitoso da centralidade e da diversidade de papéis que as mulheres indígenas ocupam, resistindo as narrativas dominantes que tentam invisibiliza-las ou reduzir sua importância. Iniciar ser resistente e ser decolonial é considerar a nossa origem de mulher *Haloti*. E é por isso que apresento o surgimento das *Haloti*.

Figura 13: Mulheres *Haloti* em momento coletivo de atividade



Fonte: Thaylane Cristina Nazokemai, 2024.

A imagem acima retrata um momento de limpeza da caça (*awo-ema*) para a festa tradicional, reafirmando o papel feminino na preparação dos alimentos e na continuidade das práticas culturais.

4.1 O surgimento das *Haloti*: uma relação de complementariedade

Antigamente as mulheres não menstruavam somente os homens ficavam menstruados. Um dia, um velho estavam menstruados e se surpreenderam com a presença da neta, que logo perguntou para o avô: O que é isso? Você está sangrando vô? Ele ficou com raiva e encostou na neta e dessa forma o sangue passou para ela. Foi assim que as mulheres começaram a menstruar.

Os mais velhos contam que desde o nossos ancestrais *Wazare*, que saiu com os irmãos e as esposas de dentro da ponte de pedra, eles andavam por todas cabeceiras e em todos os seus respectivos nomes. Após essa saída dos ancestrais, eles mataram suas esposas, então começaram a procurar outra mulher para casar novamente com *Atyahitsonero* (rainha de árvore). *Wazare* e seus irmãos encontram as filhas da rainha das árvores (*Atyahitsonero*) e com elas se casaram. Essas, por sua

vez, também não se encontravam completas, isto é, seus corpos não estavam prontos para copular e conceber.

O processo de humanização das mulheres se fez através dos maridos, que detinham os instrumentos necessários para torna-las *Haloti* (ser humano do sexo feminino). Utilizando-se de um dente de paca, os homens modelaram a vagina das mulheres, tornando-se seus criadores.

As mulheres também participaram da humanização dos seres míticos, uma vez que foram elas que ordenaram as mutucas que modificassem o órgão sexual masculino, de forma a adequá-lo ao tamanho de suas vaginas. Os frutos destas uniões foram os *Haliti Kozarene* (filhos de *Kamazo*), os *Katxiniti* (filhos de *Zaolore*), os *Warere* (filhos de *Kono*), os *Kawali* (filhos de *Tahoe*) e os *Waymare* (filhos de *Zakalo* e *Zaloiya*). *Wazare* não gerou filhos e *Kamahiye* também não deixou descendente: os *Waymare* são filhos de dois irmãos que mantiveram relações sexuais com a mesma mulher.

Os *Kozarene*, *Katxiniti*, *Waymare*, *Kawali* e *Warere* nasceram completamente humanos, o que está claramente expressa na noção de *Haliti* (gente – gênero humano), que é aplicada para a totalidade de seus descendentes. *Wazare* destinou a cada irmão um território determinado, dando surgimentos a grupos sociais específicos.

A construção dos órgãos masculinos e femininos teve ajuda do homem e da mulher para poderem serem feitos, para que pudessem gerar outros descendentes. Então a mulher é tão importante quanto o homem, e um depende do outro. Esta história nos faz pensar na complexibilidade em ser *Haloti*, pois neste contexto se ver a menstruação passada do homem para a mulher como uma espécie de castigo, porem hoje com o movimento das *Haloti* pode-se dizer que a luta por ter voz diante da sociedade do povo até então constituída só por homens, é uma forma da mulher *Haloti* dizer “lutamos por nós, mesmo com as dores da menstruação, do parto e da busca pelo espaço”.

Figura 14: Mulher Haloti preparando o alimento



Fonte: Claudemir Hunizokemaece, 2025.

4.2 A formação de lideranças femininas na cultura *Haliti-Paresi*

As mulheres indígenas desempenham um papel vital nas suas comunidades, sendo fundamentais para preservação cultural, social e econômica. O conceito de mulheres indígenas abrange uma diversidade de povos, tradições e realidades. As mulheres indígenas são vistas como guardiãs de suas culturas. Elas desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimentos, tradições e línguas para as gerações mais jovens.

Historicamente as mulheres indígenas enfrentam múltiplas camadas de opressão, incluindo a colonização, patriarcado e discriminação racial. Essas opressões não apenas comprometem suas identidades, mas também limita seus acessos a limites básicos, como saúde educação e segurança. Portanto, a afirmação se sustenta em um conjunto robusto de evidências históricas e sociológicas. A colonização impôs um modelo violento de sociedade que marginalizou as mulheres indígenas, retirando-lhes as vozes, território e autonomia. O patriarcado e o racismo estrutural, herdados desse processo, continuam a limitar seus acessos e afeta suas identidades. A luta das mulheres indígenas, portanto, não é apenas por direitos

básicos, mas pela preservação de suas culturas, corpos e modo de vida.

A invasão colonial instaurou um sistema de dominação que desestruturou os modos de vida indígenas. As mulheres, nesse contexto, foram submetidas a formas específicas de violência: estupros, sequestros e apagamento cultural. (Ribeiro, 2017).

Entretanto as mulheres indígenas tem se mobilizado para resistir a essas adversidades. Elas têm se organizado em movimentos sociais que buscam não só a igualdade de gêneros, mas também a afirmação dos seus direitos territoriais e culturais. Essa luta é frequentemente entrelaçada com a preservação de suas identidades e seus modos de vida.

Recentemente o empoderamento das mulheres indígenas tem sido objeto de crescente atenção. Muitas mulheres indígenas estão assumindo o papel de lideranças em suas comunidades e em esferas mais amplas, desafiando normas patriarcais. Essas lideranças são extremamente essenciais para a construção de estratégias de resistência e para a promoção de mudanças sociais.

Hoje as *Haloti* possuem um lugar de fala em seu trabalho e diante da sua comunidade. Ocupam vagas de emprego e disputam serviços como na educação e saúde por igual. Em reuniões se levantam e tomam para si a responsabilidade de também se posicionar para defender seu Território, sua identidade, sua língua e sua ancestralidade. Mulheres caciques, que defendem sua comunidade, mulheres que viajam para reuniões para representar o povo e falar pelo seu povo.

Atualmente as lideranças do povo *Haliti-Paresi* estão bem misturadas entre homens e mulheres e apesar da *Haloti* ainda ter alguns entraves, quando se trata de posição de liderança, são respeitadas e ouvidas. Muitas *Haloti* saem do território para participar de encontros, debates e acampamentos para representar seu povo e se juntar a luta de outros povos em defesa dos territórios e cultura. Hoje, entre o povo *Haliti-Paresi*, é impossível negar que as mulheres não fazem parte do processo de desenvolvimento e fortalecimento do próprio povo.

Na sociedade *Haliti-Paresi* atualmente algumas *Haloti* se sobressaem em aspectos relacionados a liderança e protagonismo como a Dona Miriam Kazaizokaero uma das poucas mulheres cacique no Brasil, Valdeiza Avelino Farmacêutica *Haloti* que é dona do Projeto Farmácia Viva em Território *Haliti-Paresi*, Nalva Maezo única médica indígena do estado de Mato Grosso. Estes são exemplos de algumas dessas

Haloti que estão na batalha, mostrando que o lugar de mulher é onde ela quiser. Este fortalecimento de identidade da mulher indígena como protagonista vem através dos encontros que fortalecem umas às outras e as associações de mulheres indígenas como a *Takina*.

4.3. A pedagogia do ser e se fazer uma mulher *Haloti*

A *Haloti* aprende a ser *Haloti*, ainda que traga consigo, desde o nascimento a potência ancestral de sê-lo. Seu papel é fundamental dentro do povo porque além de garantir a continuidade de seus antepassados, através da beleza da maternidade, ainda faz parte dos processos sagrados em rituais. É sempre passado das mais velhas as mais novas, das avós para as netas, das mães para as filhas as responsabilidades do que é ser uma *Haloti*. Seu papel de ser mãe, esposa, vó e de buscar seu lugar de fala para defender seu povo as torna, no meu entender, uma espécie de super heroína. Ela é responsável pela preparação do alimento no dia a dia e em dias de festa. Para isso ela coleta frutas, rala mandioca, prepara a chicha, as carnes de caça, enfim todos os alimentos que consumimos. É da mulher a tarefa de cuidar da casa e de toda a família, principalmente das crianças e dos anciãos.

Alguém pode até perguntar: mas e o homem faz o que? Posso responder com toda certeza que muita coisa, mas a mulher também tem um papel imprescindível no equilíbrio social, familiar e econômico do povo.

A *Haloti* também faz artesanatos, como redes, trajes tradicionais, brincos, bolsas, utensílios para decoração da casa e uso no dia a dia. Possui conhecimentos da natureza, conhecendo remédios naturais para melhorar a saúde e bem estar. Ela sempre foi muito vaidosa, cuida dos seus cabelos com produtos naturais, pratica esportes, pois muitas gostam de jogar futebol.

Dentro do território é raro ver uma aldeia que a própria não tem time feminino e com certeza as que não tem, as mulheres jogam para times de outras aldeias. Nos esportes tradicionais como o *tydimore* e a peteca todas as mulheres, de todas as idades, participam.

A *Haloti* é muito assídua socialmente. Sempre estar junto ao marido e seus filhos, nunca está sozinha. Então o ser e se fazer *Haloti* é algo de dentro, que está no sangue e no convívio social. Abaixo retrato, por meio de imagem, um momento de

fortalecimento da identidade feminina, das lutas coletivas e da valorização do protagonismo das *Haloti* na comunidade.

Figura 15: Mãe e filha participando do 3º Encontro de Mulheres Indígenas *Haloti*



Fonte: Thaylane Cristina Nazokemai, 2024.

4.4. Lideranças *Haloti* e seus olhares

Na sociedade *Haliti-Paresi* atualmente algumas *Haloti* se sobressaem em aspectos relacionados a liderança e protagonismo como a Dona Miriam Kazaizokaero, uma das poucas mulheres cacique no Brasil; Valdeiza Avelino, Farmacêutica *Haloti* que é dona do Projeto Farmácia Viva em Território *Haliti*; Nalva Maezo, única médica indígena do estado de Mato Grosso.

Algumas de várias *Haloti* que estão aí na batalha, mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser. Frase usada com significado de autonomia, das escolhas das mulheres utilizado em diferentes lugares dentro dos movimentos de mulheres, independente se indígenas, negras ou brancas. Uma frase antipatriarcado que tem significado de luta pela vida, pela liberdade, pelos direitos de ser mulher!

Algumas *Haloti* são memórias da história do povo, as mulheres ensinam narrando, contando a história todas as noites repassando para os netos (as) e bisnetos (as) todo os conhecimentos e histórias do povo *Haliti-Paresi*. Hoje poucas mulheres que ainda estão vivas têm todo esse conhecimento sobre essas histórias do povo, por isso é de suma importância valorizar essas *Haloti* que tradicionalmente tem todo esse

conhecimento. Esta pesquisa é muito importante, porque através desse estudo vou ressaltar a importância de todo esses conhecimentos que essas mulheres tem.

A *Haloti* deve ser aquela que luta pelos seus direitos na sua casa, na sua cultura, deve ser aquela que valoriza o seu conhecimento que aprendeu e busca aprender cada vez mais e a mulher que busca ser forte valorizando a sua cultura e tradições e seus conhecimentos, a *Haloti* deve sempre estar consultando os idosos e anciãos para elas não perderem os conhecimentos tradicionais e sempre aprender cada vez mais.

O olhar dessas mulheres sobre a cultura é profundo e carregado de significados, entrelaçado com suas tradições, relações comunitárias e modos de vida. Para as *Haloti*, a cultura vai além das práticas visíveis, como festas tradicionais e rituais, e abrange uma cosmovisão que envolve a terra, o corpo, a espiritualidade e a transmissão de conhecimentos ancestrais. Elas são frequentemente as guardiãs dessas tradições, desempenhando um papel crucial na preservação e na transmissão dos saberes aos mais jovens.

A visão das *Haloti* sobre a cultura também é marcada pelo respeito à natureza, visto que muitas culturas estão profundamente conectadas com o meio ambiente, e a mulher, em diversas sociedades indígenas, é vista como uma figura central nesse elo com a terra. Além disso, nós enfrentamos desafios para equilibrar a preservação de suas identidades culturais com a pressão da modernidade e a luta por direitos, especialmente os territoriais e de autonomia sobre seus corpos e vidas.

Atualmente, muitas *Haloti* têm se destacado como lideranças que articulam e lutam pela preservação cultural, pela educação indígena e pela valorização das línguas maternas. Ao mesmo tempo, muitas estão se posicionando contra as violências de gênero, em um esforço de ressignificação do papel da mulher dentro e fora de suas comunidades.

A cultura, para as *Haloti*, é viva e em constante transformação, mas sempre com o cuidado de manter a essência de seus antepassados e de garantir a sobrevivência de seu povo em um mundo que frequentemente ignora ou desvaloriza suas histórias.

Porque a *Haloti* deve ser aquela que luta pelos seus direitos na sua casa, na sua cultura, no campo da saúde, da economia, da política deve ser aquela que valoriza o seu conhecimento que aprendeu e busca aprender cada vez mais e a mulher que busca ser forte valorizando a sua cultura e tradições e seus conhecimentos, a *Haloti*

deve sempre estar consultando os idosos e anciãos para elas não perderem os conhecimentos tradicionais sempre aprender cada vez mais. Como disse anteriormente, a *Haloti* deve estar no lugar que ela quiser, mudando e em complementaridade construindo formas de estar no mundo protegendo o território, acessando direitos e fortalecendo o ser mulher.

Podemos dizer que as *Haloti*, aos poucos tem protagonizado vários espaços de liderança com olhares que vislumbram direitos, participação nos espaços sociais *Haliti-Paresi* e mesmo fora do espaço específico *Haliti-Paresi*, na sociedade como um todo. Um espaço que como professora e pesquisadora, compreendo ser importante destacar é a participação da *Haloti* na educação escolar indígena, e é sobre isso que abordaremos na próxima seção.

A seguir, trago a foto de minha filha Eloáh Tayallú Zonaizokero Yawalapiti, que está me acompanhando na 2ª Conferência Municipal de política para mulheres, realizada em Tangará da Serra, 2025, simbolizando a presença intergeracional e a continuidade da participação feminina indígena nos espaços de luta e representatividade.

Figura 16: Minha filha, Eloáh- 2º Conferência Municipal de Políticas para Mulheres



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2025.

5. ENSINAR E APRENDER: O PAPEL DAS *HALOTI* NA SOCIEDADE DO POVO *HALITI-PARESI*

Falar de educação do povo *Haliti-Paresi* é visitar um tempo imemorial que reporta a origem do povo como já foi mencionado na segunda parte deste texto, entretanto quando tratamos da educação escolarizada é possível realizar um breve histórico que se inicia a partir dos anos 1970.

A primeira menção feita a existência da educação escolarizada é sobre a existência de uma pequena escola que foi construída na Aldeia Rio Verde, antes da Criação da Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*. Essa escola pertencia a Missão Anchieta, e foi criada em função da desativação do Internato Utariti. A escola era dirigida por uma equipe da Missão que consistia na presença de um Irmão Jesuíta, uma Irmã da Congregação da Imaculada Conceição e uma índia Paresi e também o Padre Adalberto Holanda Pereira, antropólogo da MIA, qual objetivo principal era pesquisar a mitologia *Haliti-Paresi*.

O método de ensino obedecia ao mesmo padrão do Internato Utariti, apesar da boa vontade da Irmã e sua equipe. Por continuar aplicando o mesmo modelo de ensino, não conseguiram alcançar seus objetivos. Em virtude dessa situação, fez com que a Missão em 1975 convidasse o senhor Daniel Matenho Cabixi a lecionar nesta escola; por acreditar, que por ser da mesma etnia, também por ter concluído a recém Formação Ginásial, poderia alavancar e renovar a educação dado aos seus patrícios. Apesar dos grandes desafios, tentou programar uma pedagogia de ensino que fosse de fato, instrumento de aprendizagem, na qual consideração às características e especificidades culturais do povo.

Em 1979 por muitas e diversas dificuldades encontrados na época, tornou-se inviável do Professor Cabixi continuar executando seu trabalho. Por essas razões, foi paralisado o funcionamento das aulas por um bom tempo, e os alunos ficando à mercê de professor e escola. Somente depois de muitos anos os alunos voltaram a frequentar e estudar na Escola da Aldeia *Kotitiko*, que fica a 4 km de distância da aldeia *Rio Verde*. Com o passar dos anos letivos, os pais passaram a perceber que a distância e principalmente por não ter um meio de transporte estava afetando a frequência e aprendizado dos alunos; onde a comunidade juntamente com Cacique Sergio Zonazokemae e senhor Antônio Zonae (Vaquiano) reuniram-se por várias

vezes no ano de 1989 na aldeia e na FUNAI e decidiram que a solução para garantir uma educação escolar segura e com mais qualidade era reivindicar construção de escola para a Aldeia Rio Verde, junto a Prefeitura Municipal de Tangará. Após várias reuniões de reivindicações em 1990, o Prefeito assegurou a construção de uma escola, bem como, a contratação do professor Valdemar Borobô da etnia Bororo, apesar de não ter o prédio escolar. No período que a escola estava em construção, foi cedida no primeiro momento a casa do senhor Justino para servir de sala de aula e posteriormente a casa do senhor Tito Irantxe para a mesma finalidade. Na ocasião a Escola foi denominada Escola Rio Verde. Foi criada e denominada por Decreto do Executivo Municipal número 025/GP/91 de 07 de agosto de 1991.

Em 1991 foi criada oficialmente a Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*. O cacique Sérgio Zonazokemae que deu o nome de *Zozoiterô* para a Escola, que na cultura *Haliti-Paresi* significa nome de uma mulher. O professor Valdemar Borobô, trabalhou na escola da aldeia Rio Verde durante dois anos, por não ser da etnia e tendo outros objetivos pessoais e profissionais quais fizeram com que não ficassem por mais tempo. No final do ano 1992, o professor Valdemar Borobô deixou a sala de aula da Escola Rio verde, sendo necessário a escola ter outro professor. Diante dessa circunstância a comunidade escolheu a Nilce Zonizokemairô, para ser a professora titular, sendo contratada no dia 09 de março de 1993; que atualmente exerce o cargo de Coordenadora da Escola Municipal Indígena *Zozoiterô*.

No decorrer dos anos, com o aumento de alunos, foi necessária ampliação da estrutura do prédio da escola e implantação do Ensino Fundamental completo, com o objetivo de atender alunos da aldeia e também trazer de volta alunos indígenas da cidade.

A Comunidade, alunos, lideranças e junto com os professores do 3º Grau Indígena por almejam e relutarem para ter uma Educação Específica, Diferenciada, intercultural e Bilíngue, com bases nas legislações vigentes, conseguiram que fosse assegurado esses princípios no Projeto Político e Pedagógico da Escola *Zozoiterô*, principalmente da secretaria de Educação e Cultura do Município e Conselho Municipal Educação a respeitar e essas especificidades do Povo *Haliti-Paresi*. Tanto que foi criada uma Coordenação Pedagógica específica para as escolas indígenas e assegurado uma vaga para um representante indígena no Conselho Municipal de Educação. Na época o secretário de Educação Fabio Martins Junqueira atendeu a reivindicação da comunidade da aldeia *Rio Verde*, aproveitando a estrutura do salão

comunitário da aldeia, para servir de sala de aula e os alunos poderem estudar. As aulas das Series Finais começaram a funcionar em fevereiro de 2003, no primeiro ano de funcionamento foi como experiência atendendo a média de setenta alunos das Series Iniciais e mais quarenta alunos dos anos finais.

Para ensinar os alunos das Series Finais foram contratados três professores indígenas *Haliti-Paresi*, Ângelo Kezomae, Nilce Zonizokemairô e Pedro Nazokemai e três professores não indígenas, Luis Alberto Pereira, Lucineide Aguiar e Perla e na desistência da professora Perla foi contratado o professor Rogerio. No ano de 2004, foi implantada aula de computação apesar de não haver laboratório de informática, sendo o Geovani Kezo e no mesmo ano, a escola contou com quatro professores indígenas e duas professoras não indígenas. No período de 2005 a 2006, a escola contava com oito professores indígenas e uma professora não indígena. O Ensino Médio foi implantado em agosto de 2007, uma reivindicação da comunidade de quatro aldeias: *Rio Verde*, *Kotitiko*, *Kamae* e *África*.

Para que os filhos pudessem terminar a educação básica sem sair da sua aldeia. Foram contratados quatro professores indígenas para dar aula para os alunos, Alinor Alves Zezonai, Nilce Zonizokemairô, Pedro Nazokemai e Rony Valter Azonaece. O nome da escola foi chamado de Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Malamalali*. Atualmente, as duas instituições de ensino trabalham só com professores indígenas *Haliti-Paresi*, merendeira indígena, ajudante de serviço geral indígena. Temos um professor que é mestre, uma professora quase finalizando o mestrado, quatro professores Graduados, uma fazendo Graduação em Licenciatura Intercultural na FAINDI, e temos um professor com o curso de (Magistério Intercultural Kamahiye). Hoje, as duas escolas atendem alunos de várias aldeias vizinhas, sempre trabalhando os dois conhecimentos, o conhecimento ocidental (não indígena), conhecimento tradicional do Povo *Haliti-Paresi* e o conhecimento de outros povos indígenas.

A filosofia das duas escolas é ensinar os alunos o específico e o diferenciado, formar alunos críticos que saibam defender e buscar os seus direitos diante dos nossos governantes e outras instancias. Hoje, temos internet na escola, onde os alunos e professores podem acessar e fazer pesquisa, a escola do município tem dois pavilhões, cinco salas aula, dois banheiros, uma secretaria, uma cozinha, um quarto para motorista, um palco e dois salões.

A escola do estado tem duas salas de aula, uma cozinha, três banheiros, uma secretaria e um pequeno salão. As duas instituições de ensino é referência no

município, para outros municípios e para outras regiões, por valorizar e fortalecer a cultura *Haliti-Paresi*.

As *Haloti* têm um papel importantíssimo dentro do povo, então como protagonistas na continuidade de seus ancestrais através da maternidade e de suas responsabilidades familiar, social e cultural. Dentro de sua família o cuidado com a casa, preparo das refeições e zelo com os filhos e marido. Na sociedade a participa ativamente nas decisões do povo e na parte cultural e tem uma responsabilidade grande com o preparo os rituais.

A mulher é primordial na educação das crianças e jovens, pois é através dela que a criança, quando seu filho ou filha, possui o primeiro contato com mundo externo. Ouvir sua voz da barriga da mãe, já se é feito os ensinamentos, através do cantar e falar da mãe.

Na comunidade as mulheres, tem responsabilidades que são só delas como o preparo do alimento, principalmente em festas tradicionais o ensinamento também acontece, pois para tudo a dono, cântico, reza e o preparo correto a se fazer. Além dos ensinamentos tradicionais, há mulheres que são professoras, enfermeiras e técnicas de enfermagens, a medicina tradicional entre o povo *Haliti-Paresi* continua sendo parte importante no cotidiano da aldeia. Ela é praticada principalmente pelos mais velhos e pajés, que usam cantos, rezas e plantas medicinais. Mesmo com o acesso à medicina ocidental, muitos ainda recorrem aos saberes tradicionais para lidar com algumas doenças e manter o bem-estar espiritual e físico.

5.1 Narrativas de mulheres *Haloti* e sua ocupação na organização social *Haliti-Paresi*

Como já foi tratado durante a escrita deste trabalho, meu interesse maior é dar espaço para que as mulheres pudessem contar suas histórias e assim nos ensinar como é o processo de formação de uma *Haloti*.

No meu entender as *Haloti* buscam, nos dias de hoje, não só a sabedoria e responsabilidade tradicional, mas também o conhecimento dos não indígenas, como a educação sistematizada, para que se possa através destes conhecimentos fortalecer e criar a resistência pela sobrevivência do povo. Assim para conhecer como

as *Haloti* fazem e se fazem protagonistas das suas histórias é que elaboramos um produto educacional sobre as vivências com a educação.

Para elaborar o produto educacional foram ouvidas muitas histórias, feitas observações das atividades do dia a dia e também rememorado os ensinamentos que eu mesma como uma *Haloti* pesquisadora fiz sobre minha vida na aldeia. As mulheres que foram selecionadas para este estudo são lideranças, que ao relatar suas histórias nos ensinam como elas aprenderam com suas mães e avós e agora podem ensinar também. Apresento a seguir cada uma delas:

A professora Valdirene Avelino Zakenazerô, vive na aldeia Wazare, é professora formada há 17 anos, estudou na UNEMAT, na faculdade intercultural indígena. É pós graduada em Educação Escolar Indígena e está cursando a pós graduação em Neuropsicopedagoga.

Figura 17: Professora Valdirene Avelino Zakenazerô



Fonte: Acervo pessoal da professora Valdirene Avelino Zakenazerô, 2024.

A professora Nilce Zonizokemairô, mora na aldeia Rio Verde, é coordenadora da educação escolar indígena do município de Tangara da Serra/ MT, tem 50 anos de

idade, fez Licenciatura em Ciências Sociais na Unemat de Barra do Bugres/MT, Pós Graduação em Educação Escolar Indígena pela Unemat de Barra do Bugres e Mestra em Ensino em Contexto Indígena Intercultural- PPGECl, pela Unemat de Barra do Bugres.”

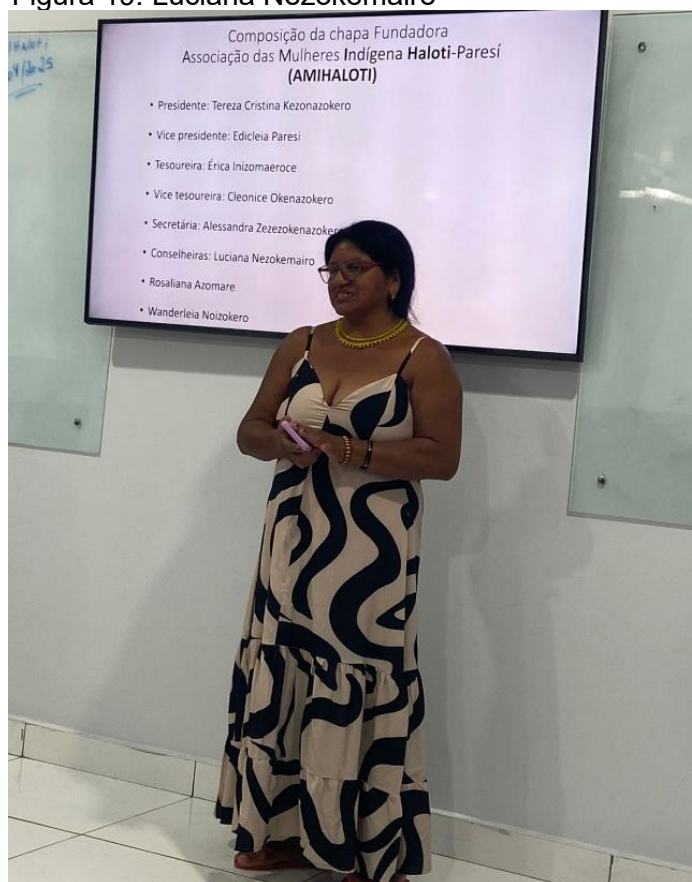
Figura 18: Professora Nilce Zonizokemairô



Fonte: Acervo pessoal da professora Nilce Zonizokemairô, 2025.

A senhora Luciana Nezokemairo reside na Aldeia Rio Verde e exerce a função de Agente Indígena de Saúde há 24 anos. Esposa do cacique da comunidade, concluiu o ensino médio na Escola Estadual Indígena *Malamalali*. É amplamente reconhecida por sua postura ética e comprometida, sendo uma mulher prestativa e acolhedora. Sua trajetória evidencia força, coragem e dedicação contínua ao bem-estar coletivo do seu povo *Haliti-Paresi*.

Figura 19: Luciana Nezokemairo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025.

E como para ensinar é necessário que se tenha alguém para aprender, também participaram da escuta destes relatos algumas alunas da escola que estavam presente e tiveram neste evento mais uma possibilidade de aprendizagem para alimentar com outros saberes a *Haloti* que cada uma carrega dentro de si. Assim cada uma das *Haloti*, as que já são lideranças e ou as que serão futuras lideranças, exercitaram a oralidade e a escuta e depois a participação na elaboração e gravação do vídeo.

A opção por um vídeo como produto educacional se deve ao fato de que para nós, a oralidade é sempre mais significativa pela afetividade que esta estratégia permite. Hoje é também possível, junto com as palavras trazer imagens que deixam ainda mais evidente as nossas aprendizagens compartilhadas em atividades praticas nas quais o aprender e o fazer estão intrinsecamente ligados. O vídeo como já foi dito é um trabalho coletivo, cultural e pedagógico e que apresenta um roteiro validado por todas as *Haloti* que participaram da sua construção.

A seguir apresento os relatos das lideranças e por considerar que durante as falas não houve direcionamento e nem mesmo nenhuma interferência, pois é assim que aprendemos, simplesmente escutando é que não será feita nenhuma interferência nos relatos. Após cada relato será comentado as percepções e estabelecido as discussões das informações seguindo a mesma organização de uma pedagogia Haloti. Vale ressaltar que apenas as reações da pessoa que relata serão registradas no texto. Assim iniciamos com o primeiro momento de escuta que ocorreu no dia vinte e dois de janeiro de 2025, quando visitamos a professora Valdirene que nos contou a sua história.

Os meus pais Walter e Floriza, são meus exemplos para a vida, sempre me apoiaram, minha mãe sempre apoiou nos estudos na educação, ela não concluiu seus estudos parou na 4ª série antiga. Meu pai era muito bom nas contas matemáticas fazia conta na memória, não precisava de calculadora, e ele sempre quis que ficássemos igual a ele, na roça plantando (solta risos). Na casa era esse embate dos dois: ele querendo uma coisa e ela incentivando outra, mas ele sempre nos ajudou com compras de materiais escolares, participava das reuniões, quando passei a estudar na cidade. Minha mãe sempre dedicada aos cuidados com os filhos, na casa, ela fazia de tudo para dar o melhor para os filhos estudar, o que ela queria para nós no futuro ter um emprego, um trabalho para cada filho. Eu a admiro muito, por ser em uma época que era difícil, minha mãe conseguiu formar todos os seus filhos, tenho orgulho e admiração dela. Minha avó materna se chama Vera, quando eu ia na casa dela eu gostava de ouvir as histórias da cultura contada por ela, era muito legal eu ficava imaginando as histórias, ficava viajando nas histórias. Já com minha avó paterna a Alaíde eu só conheci na adolescência e não tive muito contato com ela. Minha infância foi de brincar na chuva, de pegar frutas, de imitar a mãe nos serviços de casa. Eu nasci na aldeia com parto normal na aldeia Rio Verde, a parteira foi a dona Petrunilha e quem deu o nome indígena foi o senhor Txohali, quem me banhou com a espuma sagrada Waloko foi Aluísio, irmão do meu pai de criação por ele ser forte e bom de saúde. Quem me deu o nome não indígena foi meu pai, falou que tinha que ser, pois já tinha um irmão com o mesmo início de nome com V (risos...), ele que escolheu. Na minha infância eu gostava de ir pegar ema quando os homens da aldeia iam caçar, lembro-me que levava a minha panelinha e ganhava pedaços de carne. Com minhas tias aprendi vários ensinamentos valiosos e preciosos, a tia que me ajudou, foi só uma, me ensinou a fazer chicha, fazer beiju. Eu estudei na aldeia Kotitiko, eu e meu

irmão mais velho íamos de bicicleta a 4 km da aldeia Rio verde. Depois de anos que teve a escola na aldeia Rio verde, estudei na Escola Zozoiterô até 4ª série. Quando passei na 5ª série, como não tinha na aldeia este ensino, eu fui para a cidade de Tangará da Serra estudar, em seguida fui para Cuiabá continuar o ensino fundamental, depois voltei para Tangará e fiz 1º e 2º ano ensino médio e no 3º estudei em Campo novo do Parecis na Escola Madre Tarcila. No Ensino Superior estudei Na Unemat, na época o projeto PROESI. Me formei em Licenciatura em Ciências da Matemática e da Natureza, em seguida fiz a especialização em Educação Escolar Indígena. Atualmente eu trabalho como professora do ensino infantil e ensino fundamental 1, e o 2º trabalho com criação de frangos. A minha vida diária é acordar, ir na escola, a tarde meu trabalho como avicultura. Sobre a cultura eu participo quando acontece as oferendas de alimentos para Enore (Deus). Os rituais, eu participo quando algum parente está doente ou quando coloca nome em crianças, a minha vida na aldeia é muito corrida devido as atividades que faço. Os trabalhos coletivos pelas mulheres acontecem quando vai fazer uma festa de batismo por exemplo, as mulheres tem que participar de todas atividades durante esse ritual ativamente para sair tudo nos conformes como os mandamentos da cultura. Por exemplo, as mulheres é que fazem a bebidas e as comidas das festas. Os cuidados com filhos são de responsabilidades de cada família e mãe, mas sempre a cuidados com as crianças por igual, quando vamos pegar frutas, bater timbó, ir no rio banhar. Na saúde sempre tivemos os cuidados com os remédios convencionais e tradicionais, eu mesma tomo remédio caseiro garrafadas para a cura de saúde da mulher feito pela minha tia Valdete. Quando estamos menstruadas evitamos ir ao rio por uma crença nossa do povo Haliti-Paresi. Quando estamos de luto familiar é uma dando apoio ao outro, uma consola a outra e tentamos amenizar a dor com lembranças boas da pessoa que se foi. Quando ficamos grávidas as vezes tem uma crença mitológica que pode comer ou não comer, evitamos comer alguns alimentos, as meninas quando estão em reclusão, elas aprendem tudo que tem que aprender da cultura e de casa, os deveres culturais e ocidentais que vivemos atualmente. A reuniões só de mulheres acontece quando fazemos ou aprendemos alguns artesanatos com nossas anciãs e artesãs. Também temos um grupo e associação de mulheres Waka Haloti que reúne duas aldeias Katyola e Wazare, que nesse grupo temos as mulheres que trabalham com artesanatos, psicultura, pinturas em tecidos com grafismos do povo Haliti-Paresi, avicultura, ave de postura, saboaria, costureira e turismo cultural, todas trabalham

com impressão botânica. Meus planos no futuro é continuar estudando, fazer mestrado. Fiquei uns anos parada, agora quero terminar minha pós em neuropsicopedagogia, continuar com minha avicultura e com o fortalecimento da associação das mulheres. Também quero continuar com o trabalho de turismo cultural, fazer mais costura com impressão botânicas, valorizar as folhas e plantas da nossa etnia e cerrado. Sobre a cultura cada vez mais incentivar as crianças, as jovens a praticar o que é da nossa cultura, através da escola é um desafio muito grande, pois com a tecnologia é mais difícil temos que ter o equilíbrio para não perdemos a nossa essência de uma cultura tão linda e rica que temos. A natureza é tudo para que possamos viver e conectar com ela, ela nos traz vitalidade, tranquilidade, vida, paz, saúde e cura até a mente. É da natureza que tiramos tudo que tem na nossa cultura como as artes, as histórias, as casas tradicionais, a água, as plantas, os remédios as frutas nativas. Ser Haloti é ser determinada, ter foco, perseverança, dedicação e amor.

Nas palavras da Professora Valdirene, encontramos a descrição do seu dia a dia como uma *Haloti*, destacando sempre a presença de outras mulheres, sejam elas jovens ou anciãs. Em cada fase da vida percebemos o entrelaçamento entre o que era ensinado e o que é experimentado pelas mulheres que nunca estão sozinhas. É um aprendizado coletivo produzido por muitas colaborações e em certo momento pela presença dos homens. A menina realiza o ritual de reclusão acompanhada pelas mulheres, entretanto o primeiro momento, o banho com a “espuma sagrada” é acompanhado pelo “padrinho”, um homem que se destaca pelas qualidades que a família deseja que ela seja detentora. Essa interação que envolvem as práticas de ensino cultural nos remete a importância de que em toda forma de aprendizado possa existir a possibilidade de que tanto o aprendiz quanto aquele que ensina estão guiados pela sua forma de ver e perceber o mundo.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (Laraia, 2001, p. 36).

Nesta perspectiva de que as práticas que ensinam e são ensinadas estão fundadas numa cultura, observamos que o contexto ambiental também se apresenta como elemento fundante dos conhecimentos que são utilizados nas vivências. A menina que buscava um pedaço de carne de ema tornou-se a mulher avicultora, que

para além das atividades técnicas também buscou outros saberes que a constitui como pesquisadora avida a conhecer e saber mais. Assim a sua história é inspiração que pode, tanto ser comunicada como observada, pelas meninas que olham para a mulher que um dia elas serão. Essa experiência vivenciada pelas alunas foi fundamental para que elas pudessem entender que também a escola deve e pode tratar destes assuntos que envolvem os conhecimentos dos anciões e lideranças do povo. Ao realizar esta atividade na escola da aldeia e compartilhar com outros povos está sendo aberto a possibilidade de lermos juntos um sobre a cultura do outro.

Se na escola tivermos referências positivas sobre outras culturas, certamente desenvolveremos ideias positivas dessas culturas. Se, ao contrário, nos forem passadas informações negativas, fatalmente cresceremos com imagens negativas, preconceituosas e discriminatórias com relação ao outro. (Munduruku, 2009, p. 22).

E isso hoje é um dos pontos mais importantes quando pensamos em interculturalidade: o respeito por aquilo que é do outro e por isso é preciso tratar com cuidado, pois todo o nosso conhecimento cultural é ancestral como defende mundurucu (2009), todos os alunos e ou professores indígenas devem buscar a sua ancestralidade.

A seguir apresentamos a narrativa da professora Nilce Zonizokemairô, outra educadora que atua significativamente para que formar e se fazer formar com uma *Haloti* guerreira.

Meu nome é Nilce Zonizokemairô. Sou filha de Aluisio Zoloinae e Tarcila Konizokero. Pertença a etnia Haliti-Paresi, moro na Aldeia Rio Verde, Terra Indígena Paresi, município de Tangará da Serra/MT. Nasci na cidade de Diamantino/MT, no dia 23 de novembro de 1973. Tenho 51 anos, tenho três filhos: Alessandra Zezezokenazokero, Elisandra Ezanazokero e Valdison Zemazokae, tenho três netos: Valdomiro Henrique Zemazokae, Breno Henrique Zemazokae e Matheus Phelippe Zemazokae. Sou viúva, fui casada a 18 anos com Valdomiro Zemazokae, que foi assassinado no dia 11 de fevereiro de 2012. Além de mim, tenho mais quatro irmãs que são Luciana Nezokemaero, Leonice Naizokero, Tereza Cristina Kezonazokero e Ana Lucia Maizokemairoce. Por parte de pai tenho mais duas irmãs, que são Maria Adilis e Adenilce Zalonazokeroce. Do primeiro casamento do meu pai. Por parte de mãe tenho mais quatro irmãos, dois já faleceram e dois estão vivos, João Batista

Zokaizomae é um dos meus irmãos, é do primeiro casamento da minha mãe. Vou falar um pouco sobre minha mãe, ela foi uma pessoa muito importante na minha vida, com ela que aprendi todas as coisas da cultura do meu povo, principalmente sobre o preparativo da alimentação tradicional para a festa tradicional de batizado de criança, da menina moça, oferenda e recuperação de doente. Ela é minha inspiração, sou essa Haloti hoje, porque ela me educou e me ensinou muito bem sobre as coisas da cultura tradicional e o cotidiano da vivência na aldeia. Convivi muito pouco com minha avó por parte de pai, não posso falar quase nada sobre essa convivência. Com ela aprendi pouca coisa sobre a cultura do meu povo. A única lembrança que tenho dela é quando levava a gente para tomar banho no rio de madrugada, na primeira chuva, para purificação espiritual. Nasci na cidade de Diamantino/MT, meus pais sempre moram na aldeia Rio Verde, Terra Indígena Paresi, município de Tangará da Serra/MT. A aldeia era diferente, não tinha hati (casa Tradicional), as casas eram tudo feitas de barro, coberta com palha de guariroba, tinha muitos pés de mangueiras e bocaiuvas e tinha a casa da Yamaka (flauta sagrada). Meus pais me deram o nome do não indígena, que é Nilce, mas não sei o que significa o meu nome em português, tenho o meu nome de batismo indígena do meu povo Haliti-Paresi, nome dado pelo pajé, que tem um grande significado. O meu nome indígena é Zonizokemairô, que significa na língua materna nowetekoni atyo One Kinyo yolo. Todo os nomes de batismo têm seu lugar, seu anjo da guarda que vai protegê-la dos espíritos ruins, cuidar da sua saúde e do seu bem estar, para que nada venha acontecer ao longo da sua vida. Meus pais sempre contaram para nós que a vida do povo Haliti-Paresi era muito diferente de hoje. A vida era mais difícil, no final da década de 70, mas dava para sobreviver vendendo artesanatos como bola de mangava, espanador, colar, arco e flecha e leque. Na década de 80, alguns Haliti-Paresi começaram a trabalhar na extração do látex da seringa, começaram a trabalhar como mão de obra nas fazendas até o início da década de 90. Depois disso, as coisas começaram a ficar mais difícil como a caça e a pesca, devido as fazendas que rodearam as terras indígenas com as grandes lavouras mecanizadas, com isso ficou mais difícil a sobrevivência tradicional. Para comprar os alimentos industrializados da cidade precisava de dinheiro, então, tiveram que procurar outros meios para sobreviverem e ganhar dinheiro para comprar comida, roupa, calçado para a família. Alguns Haliti-Paresi continuaram vendendo seus artesanatos e maioria foram trabalhar nas fazendas como mão de obra. Para sobreviver dignamente alguns caciques e lideranças começaram a articular com a

Funai sobre como trabalhar na sua própria terra para gerar recurso para ajudar a comunidade Haliti-Paresi, então, pensaram em lavoura mecanizada na terra indígena, na época foi feito uma reunião com toda comunidade Haliti-Paresi, Funai e ministério público, mas não deu certo, porque a terra indígena é da União, do governo federal. A lembrança da minha infância na aldeia, foi uma das melhores coisas da minha vida, pois é o momento que a criança passa a maior parte com os pais, onde a criança acompanha os pais em todas as atividades que são realizadas no cotidiano da aldeia. Os pais, os avós, os tios e familiares têm o maior cuidado com o crescimento e educação da criança. Com meus pais, principalmente com minha mãe que na minha infância aprendi as primeiras palavras na língua materna do meu povo, aprendi a nadar no rio pela primeira vez, as histórias indígenas que meu pai contava para nós ao anoitecer, as histórias que minha avó contava quando íamos a casa dela de noite. E com as crianças da aldeia brincávamos de muitas brincadeiras que tinha e ainda tem na comunidade, imitávamos nossas mães fazendo as coisas do dia a dia de casa ou da aldeia, como fazer comida, lavar roupa, cuidar dos filhos, ir na roça pegar mandioca, esperar o caçador com a caça, coletas frutas silvestres do cerrado e preparativo de festa tradicional. Além disso, tinha as brincadeiras indígenas como o caçador e a ema, pega-pega, tirar o couro do colega (txoai), bola por cima da hati (casa tradicional), esconde-esconde. Tomar banho no rio com as crianças para brincar de sucuri, quem tem mais folego dentro da água, acerta ao colega dentro da água (Waimyalatya) essa são algumas das brincadeiras que me lembro da minha infância. Me lembro também que eu e minhas irmãs acompanhávamos meus pais quando eles iam fazer caçada na mata bem longe, então, minha mãe tinha que ir com ele, aí tínhamos quer ir junto com nossos pais, porque ficariam mais de uma semana no mato caçando ema e veado, meu pai fazia acampamento na mata para nos ficarmos e para dormir. Esse era o tempo bom da minha infância porque não me preocupava com nada, tudo para mim era só felicidade e aprendizado. A cultura do meu povo Haliti-Paresi é uma das coisas mais importante e sagrada que existe para mim, na minha infância, pré-adolescência, adolescência e juventude adquiri conhecimentos e ensinamentos com várias pessoas da minha aldeia, com minha mãe, avó, idosas, anciãs e as mulheres e também com os idosos, anciãos e pajés aprendi o significado do que é a cultura do Haliti-Paresi. A cultura significa aprendizado, identidade cultural, fortalecimento, valorização, educação tradicional, festa tradicional, harmonia, coletividade, respeito, comportamento, cura, reza, benção, espiritualidade, língua

materna, história, costume, rituais, crença, paz, amor, união, felicidade, conhecimento, dança, cântico, alimentação tradicional, plantas medicinais, religião e muitas outras coisas que estão ligadas a cultura do meu povo. Foi com esses ensinamentos que aprendi a fazer algumas coisas que fazem parte da cultura Haliti-Paresi, fazer chicha de raspa e polvilho para festa tradicional, fermentar a chicha, fazer beiju e todo o preparativo para uma festa. Tudo isso aprendi a fazer acompanhando, observando e praticando junto com minha mãe e as mulheres que eram responsáveis na preparação da chicha e dos alimentos tradicionais para a festividade. A atividade cultural que me marcou em uma cerimônia Haliti-Paresi foi a festa tradicional de nomeação ou batizado de crianças, é uma cerimônia que é feita para colocar nome indígena em uma criança, quando participei da festa tradicional para batizar meus filhos, foi o momento de muito aprendizado, conhecimento e ter muito respeito no preparativo da festa. É o momento que os donos da festa tradicional têm que guarda dieta e tem que respeitar o preparativo da festa, cumprir com as regras que tem na festa tradicional para que nada aconteça depois com quem fez a festa ou sua família, é respeitada todo o momento da festa tradicional, pelos espíritos bons e Enore (Deus), que estão nas flautas sagradas (Iyamaka), flecha sagrada (Kore Waiyeze) e txihyali. E a atividade cultural que me marcou em um ritual do Haliti-Paresi foi da menina moça, quando a minha primeira filha ficou de reclusão. A reclusão da menina moça é um ritual para educar e ensinar a menina para vida adulta, onde a avó junto com a mãe da menina ia ensinar ela todas as coisas que uma mulher adulta faz no cotidiano do dia a dia da aldeia e sobre a cultura do povo. Durante a reclusão a menina aprenderá muitas coisas sobre o trabalho de casa, como ser uma boa dona de casa, respeito e comportamento com as pessoas da comunidade, ser preparada para casar e cuidar do marido e filhos, para que ela seja uma menina boa e educada com seu próximo e todas as coisas que fazem parte da cultura tradicional. A minha fase escolar, o primeiro contato que tive com a escola foi no ano de 1982, eu tinha nove anos de idade, quando foi criada a escola na aldeia Kotitiko, 4 km da minha aldeia que Rio Verde, onde a Funai (Fundação Nacional do Índio) trouxe uma professora não indígena para ensinar as crianças Haliti-Paresi, o nome da professora era Regiane. Eu e minhas irmãs fomos matriculadas para estudar na escola da aldeia Kotitiko, naquela época não tinha transporte escolar para transportar os alunos, então, tínhamos que ir de a pé para a escola junto com outras crianças da aldeia, as vezes íamos de bicicleta do meu pai, quando ele não ia trabalhar na roça ou quando não ia

caçar. Foi uma época muito boa para mim, porque nunca tinha ido para escola e não conhecia nenhum tipo de letra e nem sabia como se escrevia uma letra ou uma palavra e eu só falava na língua materna do meu povo, entendia um pouco da língua portuguesa. Me lembro que a professora nos ensinava com as vogais que as letras tinham figuras como por exemplo a vogal a tinha uma cabecinha de uma menina chamada de Ada, ela nos ensinava com as vogais, alfabeto e famílias silábicas. Eu tinha muita dificuldade para aprender a copiar e conhecer as letras e as palavras que era passado no quadro, a professora ficava brava quando não conseguíamos a ler que ela tinha passado no quadro, então, nos deixava de castigo quando não conseguíamos aprender a ler e copiar do quadro. Mas mesmo assim, eu ia todos os dias para a escola, porque eu queria aprender a ler e escrever. Mas meu pai não parava conosco na aldeia, ele fazia caçada de vários dias no mato, aí tínhamos que acompanhá-los na caçada, assim perdíamos muitos dias de aula, quando eu voltava para escola não conseguia acompanhar a minha turma porque tinha perdido os conteúdos que a professora passou. Tudo ano era assim, eu não sabia se tinha passado para outra série, porque meus pais não paravam conosco só num lugar, ele tinha que sair da aldeia para buscar alimento para a família, por isso muitas vezes tínhamos que ir junto com os nossos pais. Mesmo assim aprendi algumas coisas na escola. A professora não indígena ficou trabalhando dois anos na escola da aldeia Kotitiko, depois ela foi embora para sua cidade que era Rio de Janeiro, ficamos sem professor para nos ensinar, porque não tinha ninguém para ensinar as crianças, ficamos um bom tempo sem estudar. Em 1986, o senhor Alinor Alves Zezonai foi contratado para dar aula na escola da aldeia Kotitiko, meu pai me matriculo novamente para estudar, eu e meus colegas de escola íamos a pé para escola estudar, mais não sabia em que série eu estava estudando, mesmo assim continuei indo para a escola, porque eu tinha muita vontade de aprende escrevera e a ler, antes de terminar o ano letivo fui morar com minha irmã em outra aldeia chamada Salto da Mulher, lá eu ia cuidar dos meus sobrinhos e estudar. Foi muito difícil morar longe dos meus pais e minhas irmãs, mas eu tinha que ir com minha irmã, porque morando com eles eu teria a oportunidade de estudar e ser alguém na vida. A professora da escola da aldeia Salto da Mulher, era professora indígena Haloti, ela se chamava Clarice, comecei a estudar com a professora Clarice, ela nos ensinava a rezar primeiro antes dela escrever no quadro, eu já sabia ler e escrever um pouco quando fui estuda nessa escola, aprendi muitas coisas com a professora. E no ano de 1990, o marido da minha

irmã foi transferido para trabalhar na Funai de Cuiabá, então, tive que ir junto com a família da minha irmã para Cuiabá. Em Cuiabá nos matricularam na Escola Estadual Maria Elisa Bocaiuva, quando pediram meu histórico escolar da última escola que estudei na aldeia, não encontraram nada de histórico escolar, os anos que estudei na aldeia nunca tinha sido matriculada em nenhuma escola que estudei, ai tive que ser matriculada na 1ª série do ensino fundamental, para mim era uma experiência muito ruim estudar na escola da cidade, porque tinha muita dificuldade de falar o português corretamente, foi um choque para mim, porque eu era muito tímida e não falava quase nada, tinha medo de falar e os colegas de sala de aula risse de mim. Na 1ª série já sabia muitas coisas de cada disciplina, foi então, que a diretora pediu para a professora que dava aula para nós fazer prova especial comigo desde a 1ª série até a 4ª série, fiz a prova e fui aprovada em todas disciplinas. Me passaram para a 5ª série, comecei estudar no período noturno, tive muitas dificuldades em relação a falar o português, não conversava quase com ninguém, tive dificuldade de aprendizagem nas disciplinas de matemática e língua portuguesa, mas mesmo assim consegui passar para outra série. Ficamos um ano em Cuiabá, em 1991, tivemos que mudar de cidade novamente, porque meu cunhado tinha sido transferido para a cidade de Tangará da Serra. Em Tangará da Serra fui matriculada na Escola Estadual 29 de Novembro, foi nessa escola que passei por muitas dificuldades tanto no processo de aprendizagem com alguns professores e quanto no preconceito e discriminação que os alunos não indígenas tinham com minha pessoa. Eu estudava no período noturno, fazendo 6ª série, para mim eram muito difíceis a língua portuguesa e a matemática, na sala de aula eu preferia sentar na última carteira do fundo da sala, só para não falar com a professora ou professor e os colegas de turma, ninguém queria fazer trabalho em grupo comigo porque falavam que eu não sabia de nada, sempre fazia meus trabalhos sozinha. Quando eu falava ou lia algum texto que os professores pediam para eu ler, os alunos não indígenas ficavam rindo da minha leitura e da minha fala, ficava com muita vergonha, as vezes pedia para os professores que não queria ler devido os meus colegas de sala não me respeitar, tinha que aquentar as piadas de mal gosto que faziam sobre indígenas. Mesmo com tantas dificuldades na escola, sempre me esforçava para aprender cada vez mais e tirar notas boa para ser aprovada no final do ano letivo. As disciplinas que eu não tinha dificuldade e gostava muito era Geografia e História e a disciplina de língua inglesa que sempre tirei nota boa. Na Escola Estadual 29 de Novembro, a professora que me marcou positivamente, foi a

professora de Língua Portuguesa, ela percebeu que eu tinha muita dificuldade na disciplina dela, então, ela começou a me ajudar com os conteúdos que ela passava para os alunos, me mudou de lugar, fez com que eu me sentasse na primeira carteira da frente ao lado da mesa dela. Me incentivo a não ter vergonha de fazer leitura mesmo tendo dificuldade em português, começou a chamar atenção de outros alunos quando faziam piadas sobre indígenas, fez com que eu tivesse mais participação na sala de aula, tirar as dúvidas quando não entendia o conteúdo, a professora fez com que eu percebesse a importância que a aula de língua portuguesa tinha para mim como pessoa, que um dia eu ia melhorar o meu português, aprenderia a escrever corretamente texto produzido por mim mesma, me mostrou o caminho que eu tinha que andar, sem deixar minha cultura de lado e a perceber a importância que a cultura do meu povo tinha. A professora de Arte foi que me marcou negativamente, ela sempre se incomodava com quando eu falava palavras erradas em português, teve uma noite na apresentação da feira da ciência na escola que ela me disse que eu tinha que esquecer um pouco da minha língua materna para poder aprender a falar o português corretamente. Só porque falei a seguinte frase: a casa é boa para morar. Nessa noite fiquei com tanta vergonha que eu queria sumir dali, porque ela falou no meio de muitos alunos, todos ficaram me olhando e rindo de mim, ela ficava me discriminando e constantemente eu sofria preconceito por parte dela. As vezes nem queria assistir as aulas dela, só em pensar que ela falaria coisas ruins dos indígenas. Sofri muito com isso, porque eu tinha que aguentar todas essas coisas caladas, isso me desmotivava em querer continuar a estudar na cidade, por pensar que nunca iria ter uma compreensão melhor da língua portuguesa e que nunca ia aprender as coisas do não indígena. Minha atuação como professora indígena na educação escolar indígena Haliti-Paresi. Quando fui indicada para ser a professora, pelo cacique Antônio Zonai conhecido como Antônio Vaquiano. Eu ainda estava estudando em Tangará da Serra/MT, estava cursando a 7ª série no ano de 1992, na Escola Estadual 29 de Novembro. O cacique da aldeia Rio Verde me indicou porque o professor que ensinava os alunos da Escola Municipal Indígena Zozoiterô tinha ido embora da aldeia Rio Verde, o professor Valdemar Borobo da etnia Boe Bororo. Então, fui convidada para participar de uma reunião com a comunidade da Aldeia Rio Verde, para ouvir qual decisão tinham tomado com relação ao professor que ia ensinar os filhos deles no ano de 1993. Na reunião a maioria dos pais não me aceitaram para dar aula para os seus filhos, dizendo que eu não era qualificada para trabalhar na escola com os

alunos, disseram que queriam outro professor, nem que fosse de outra aldeia ou fosse um professor ou professora não indígena da cidade. Mas o cacique disse que não tinha outra pessoa para ensinar as crianças, que era somente eu que tinha um pouco mais de estudo na nossa aldeia, que o professor tinha que ser da aldeia mesmo. Mesmo contra a vontade dos pais ele me indicou como professora. Os pais dos alunos ficaram todos chateados com a decisão tomada pelo cacique, naquele momento não consegui falar nada na reunião, por ser tão nova, não tinha experiência e por ser muito tímida, mais pelo que os pais tinham falado de mim na reunião, por não acreditarem em mim como professora. Sai da reunião muito triste, mas sabendo que mesmo eles não me aceitando, eu tinha que dar aula para as crianças naquele ano, eu só tinha a 6ª série completa e realmente sem nenhuma experiência em dar aula para os alunos. Em 1992, mesmo sem ter o ensino fundamental completo eu tinha feito o concurso público do município para professora, junto com outros Haliti-Paresi, que pertencem ao município de Tangará da Serra/MT. Fiz o concurso com o nome da escola da minha aldeia, na ocasião passei em segundo lugar. Tive que parar de estudar para poder dar aula na escola da minha aldeia. Eu tinha um sonho de estudar e ser uma enfermeira, mas o destino mudou o meu sonho, me colocou no caminho da educação. Por isso, quando fui indicada pelo cacique da aldeia, a Secretaria de Educação do Município me chamou para fazer o meu contrato como professora indígena efetiva na Escola Municipal Indígena Zozoiterô, no dia 03 de março de 1993. Depois de agilizar todos os meus documentos, entregar no departamento pessoal e assinar o meu contrato de professora indígena, voltei para minha aldeia e para começar a dar aula para os alunos. Mesmo não sendo formada e qualificada para ensinar os alunos, mesmo contra a vontade dos pais comecei a trabalhar com a cara e a coragem. Os dois primeiros meses foram muito difíceis para mim, porque não sabia nem como começar a dar aula e nem saber fazer o planejamento de aula, tendo o peso de não ter aceitação dos pais e de alguns alunos, mesmo com muita dificuldade continuei ensinando, e pedi ajuda para os não indígenas que trabalhavam na coordenação pedagógica das escolas Haliti-Paresi, a ajuda e a orientação de cada um deles foi fundamental para que eu pudesse aprender a fazer o meu planejamento de aula e a trabalhar com turmas de sala multisseriada. Devido as dificuldades que encontrei no trabalho comecei a me dedicar cada vez mais a minha profissão, compreender como realmente era a vida de um profissional da educação, de como trabalhar para mostrar aos pais dos alunos que eu tinha a capacidade de alfabetizar os filhos deles. Aos

poucos fui entendendo como ensinar na sala de aula e a planejar as aulas de cada disciplina, fui mostrando para a comunidade da aldeia que eu tinha a capacidade de ensinar os alunos, apesar de não ser formada na área da educação. Pouco a pouco comecei a conquistar a confiança dos alunos de cada pai. Durante dois anos de trabalho na escola, fui adquirindo conhecimento e melhorando a qualidade do ensino aprendizagem dos alunos, nas semanas de formação para professores, que era realizada pela SEMEC de Tangará da Serra, para os professores Haliti-Paresi. E no ano de 1995, fui escolhida para fazer do Projeto de formação em Nível Magistério (Projeto Tucum), ofertado pelo governo do Estado de Mato Grosso, através da Seduc, foram cinco anos de formação em nível magistério. E foi assim, que conclui o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, mas com o magistério, na carreira de professora. Durante os cinco anos de curso fui me aperfeiçoando e qualificando na sala de aula, melhorando o aprendizado dos alunos e comecei a ter o respeito dos pais, porque mostrei para eles que os filhos deles estavam aprendendo a ler, escrever e adquirindo mais conhecimento. Foi então, que percebi que eu estava na profissão certa, que era o que eu queria para minha vida. No decorrer do curso encontrei muitas dificuldades para participar do curso, por causa do meu esposo e minha filha. O curso era realizado no período de férias, tínhamos que ficar um mês fora da aldeia, devido a isso tive dificuldade, mesmo assim consegui terminar o curso. No ano de 2000, a Unemat de Barra do Bugres/MT, ofertou 200 vagas para indígena fazerem o vestibular indígena. Para fazer a prova do vestibular indígena precisava da carta da comunidade com a assinatura do cacique, mas o cacique Sérgio não quis assinar a minha carta para que eu pudesse fazer a prova. Mas tive o apoio e a assinatura de minha carta de algumas pessoas da comunidade da minha aldeia, principalmente das lideranças importante da aldeia para fazer a prova. Então, fiz a prova e fui aprovada no vestibular indígena. O curso era no período das férias escolares dos alunos, no mês de janeiro e julho, com as etapas intermediárias nas aldeias. Quando começou o curso quase que desisti, por motivo novamente de familiar, porque não tinha encontrado ninguém para ir comigo e cuidar do meu filho, nem meu esposo queria ir comigo, então, resolvi não ir para o curso. Quando o carro que ia nos levar até em Tangará da Serra passou na minha casa falei para meus colegas que eu não iria, mas minhas irmãs chegaram na minha casa e falaram que eu tinha que ir para o curso, arrumaram minha roupa e do meu filho na mala e falaram que minha sobrinha ia junto comigo para cuidar do meu filho. Fui para a cidade de Barra do Bugres muito triste, além do meu filho, eu tinha

mais duas meninas que ficou com minha mãe e meu esposo ficou na nossa casa. Deixar marido e filhas sozinhos era muito difícil, nunca tinha saído da aldeia para ficar longe da minha família. Em 2001, comecei a estudar na Unemat de Barra do Bugres, no 3ª Grau Indígena, do Estado de Mato Grosso tinha 180 acadêmicos indígenas de várias etnias e de outros Estados do Brasil tinha mais 20 acadêmicos indígenas. Foi uma nova experiência para mim, porque eu ia subir mais um degrau na minha profissão como professora indígena. No decorrer do curso tive muitas dificuldades, mas com a ajuda dos professores e colegas fui superando as dúvidas e dificuldades que eu tinha, principalmente fui melhorando a minha fala na língua portuguesa, superando minha timidez e participando cada vez mais dos debates. Durante o curso fui adquirindo mais conhecimento, me aperfeiçoando cada vez mais para dar aulas para os alunos, foi muito gratificante fazer a faculdade intercultural, pois tivemos professores de alto nível no 3ª Grau Indígena, os nossos professores eram todos mestres e doutores na educação, todos já tinham experiências com povos indígenas. Estudando cinco anos na faculdade de Barra do Bugres, juntos com indígenas de várias etnias do Brasil, me fez crescer como profissional da educação e como ser humano, porque juntos com meus colegas aprendi a respeitar, fortalecer e a valorizar as diferentes culturas indígenas que ainda existem no Brasil, principalmente a valorizar muito mais a cultura do meu povo Haliti-Paresi. A escola da aldeia e os professores indígenas começaram a ser mais valorizados pela comunidade Haliti-Paresi, o processo de ensino aprendizagem dos alunos melhorou muito mais na sala de aula, com isso tivemos avanço positivo para a Escola Municipal Indígena Zozoiterô, devido já ter professores indígena se graduando faculdade conseguimos implantar o Ensino Fundamental completo na nossa escola. Em 2006, me graduei na área de Ciências Sociais e recebi o tão sonhado diploma de graduação. Em 2008, fui selecionada para fazer a Pós-Graduação Lato Sensu, Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Campus Universitário de Barra do Bugres/MT, mais uma etapa para adquirir novos conhecimentos no mundo letrado do não indígenas, para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu foi ofertado 60 vagas para professores indígenas do Estado de Mato Grosso, o curso era de dois anos. Foi o memento muito importante na minha vida, porque cada vez mais eu estava me aperfeiçoando e me qualificando na carreira de professora indígena e buscando cada vez mais novos conhecimentos para dar uma melhor qualidade de ensino aprendizagem na educação escolar dos

alunos Haliti-Paresi. Comecei a estudar na faculdade junto com outros colegas professores indígenas, mais uma vez a troca de conhecimento e experiência entre os professores indígenas e mais conhecimento repassado pelos professores não indígenas que nos ensinaram durante os dois anos universidade. Com muita força, dedicação e foco no estudo, cada vez mais adquirindo o conhecimento ocidental, de outros povos indígenas e fortalecendo e valorizando cada vez mais a cultura do meu povo, conclui a minha especialização no ano de 2009, defendendo o trabalho de conclusão de curso sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Zozoiterô. Foi o momento em que percebi que a educação escolar indígena específica e diferenciada, para o povo Haliti-Paresi é de fundamental importância para meu povo sobreviver socialmente, culturalmente, fisicamente, politicamente e economicamente no mundo contemporâneo e globalizado. Em 2007, foi aprovado pelo governo do Estado de Mato Grosso o concurso público para os professores indígenas, eu e mais oito professores Haliti-Paresi fizemos a prova para o concurso público, eu e mais três professores Haliti-conseguimos passar no concurso do Estado. Foi então, que a comunidade da aldeia Rio Verde fez um documento pedindo autorização para a Seduc a implantação o Ensino Médio na aldeia, porque já tinha professores indígenas graduados e pós graduados que poderiam dar aula no ensino médio e tinham passado no concurso público, devido a demanda de muitos alunos estarem parados sem poder cursar e terminar o ensino médio na aldeia mesmo, porque ainda não tinha nenhum na aldeia. Em agosto de 2007, foi autorizada a implantação e funcionamento do ensino médio na aldeia Rio Verde, foi criada a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Malamalali, com a criação e autorização de funcionamento ensino médio, eu e os três professores fomos chamados para fazer o contrato e sermos efetivados como professores indígenas na rede de ensino do Estado de Mato Grosso (Seduc). E foi assim, que comecei a dar aula para os alunos Haliti-Paresi no Ensino médio. Hoje, tenho muito orgulho de ser uma professora indígena Haloti, tenho grande respeito pelas comunidades de cada aldeia Haliti-Paresi, como cada comunidade me respeitam e acreditam no trabalho que venho fazendo nas duas escolas aonde trabalho e sempre ajudando outros professores que trabalham em outras escolas das aldeias do meu povo. Tenho 28 anos de carreira na educação escolar indígena Haliti-Paresi, no município de Tangará da Serra/MT e 14 anos de carreira na educação escolar indígena Haliti-Paresi no Estado de Mato Grosso (Seduc). A minha trajetória na educação escola indígena Haliti-Paresi é de suma importância para mim como

profissional da educação e como pessoa, porque me sinto fortalecida e grata por fazer a diferença na educação escola do meu povo. E poder mostrar para as pessoas que não acreditaram em mim como professora, que é buscando formação, qualificação e conhecimento, se aperfeiçoando e fazendo curso que aprendemos a crescer e dar aula de qualidade para os alunos. O papel do professor indígena é ensinar os alunos indígenas a ter o orgulho de si mesmo, a valorizar e fortalecer os conhecimentos tradicionais da cultura do seu povo e ter uma visão ampla da sociedade não indígena. E principalmente em aprender a dominar a língua dos não indígenas para poder se defender, buscar seus direitos e dialogar com os não indígenas quando participarem de reuniões e outros tipos de eventos. Na Escola Municipal Indígena Zozoiterô, trabalhei oito anos como coordenadora pedagógica, orientando e ajudando os professores no processo de ensino aprendizagem dos alunos, orientando os pais sobre a importância da escola para os filhos de cada um, sempre respeitando a comunidade na tomada de decisão a favor da melhoria educação escolar indígena. Na Semec de Tangará da Serra – MT, trabalhei dois anos como assessora pedagógica, ajudando no assessoramento pedagógico das escolas indígenas Haliti-Paresi que pertencem ao município, o meu papel como assessora pedagógica era orientar e ajudar os professores Haliti-Paresi a fazer o planejamento de aula, em suas dificuldades de sala de aula, para que fizesse um bom trabalho na sala de aula, para que os alunos tivesse um aprendizado de qualidade, melhor compreensão dos conteúdos trabalhados, fazer visita nas aldeias onde tinha escola e conversar com a comunidade. Ter feito o assessoramento pedagógico para a Semec de Tangará da Serra, foi uma experiência muito boa para mim, mostrar que o professor indígena é capaz de assumir cargos importantes e fazer um bom trabalho pedagógico nas escolas das aldeias. E na Escola Estadual Indígena Malamalali, em 2012 fui eleita para diretora da escola, trabalhei como diretora da escola por quatro anos, durante esse período da minha gestão aprendi muitas coisas que eu não conhecia e nem sabia. As dificuldades foram muitas, devido a burocracia do sistema da Seduc, mas com todas as dificuldades fui tirando minhas dúvidas, aprendendo como a trabalhar na gestão de uma escola estadual, o apoio da comunidade foi importante nos momentos de dificuldades, superar os obstáculos encontrados no caminho não fácil. Foi o ano que me aconteceu uma coisa muito ruim na minha família, foi o ano mais difícil que passei na minha vida, o meu esposo foi assassinado. Mudando a minha vida e a dos meus filhos, ele foi assassinado no dia 11 de fevereiro de 2012, no

começo do ano letivo, isso mudou totalmente o meu trabalho, fiquei revoltada com todos e falei que não queria mais trabalhar como professora nas duas instituições de ensino. Então, a coordenadora pedagógica da educação escolar indígena na época deu a minha licença prêmio pela SEMEC de Tangará da Serra, para que eu pudesse colocar a cabeça no lugar e no ano seguinte continuar dando aula na escola do município, a assessora pedagógica da SEDUC de Tangará da Serra, que era responsável da escola Malamalali, ela também me deu o tempo para colocar a cabeça no lugar, pensar no meu trabalho e para que eu pudesse voltar a trabalhar como diretora. As duas professoras não indígenas me deram muita força e conselho para não sair do trabalho de professora, pediram para eu pensar bem antes de tomar uma decisão precipitada. Com o apoio e força que meus pais e principalmente meus filhos me deram consegui superar a perda e voltar a trabalhar novamente. Atualmente estou só na sala de aula, na Escola Municipal Indígena Zozoiterô estou dando para os alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos), no período matutino, na Escola Estadual Indígena Malamalali estou dando aula para o ensino médio no período vespertino. Me convidaram várias vezes para auxiliar os professores não indígenas na faculdade indígena (FAINDI), Unemat de Barra do Bugres – MT. É uma experiência muito grande em poder auxiliar os professores não indígenas mestres e doutores, trocando experiências e adquirindo mais conhecimento, tendo o respeito e reconhecimento dos acadêmicos indígenas. Trabalhei como professora no Projeto de Formação e Nível Magistério (Projeto Kamahiye), momentos inesquecíveis para mim, porque ali estava formando futuros colegas de profissão e é muito gratificante em fazer parte na vida de formação de cada um. Ser professora indígena para mim é tudo na minha vida. E em 2020, fiz meu projeto de pesquisa Cântico Haliti Zerati, para tentar entrar no mestrado indígena, ofertada pela Unemat de Barra do Bugres/MT. Fiz minha inscrição para o mestrado indígena, fui selecionada para fazer a prova do mestrado indígena, fiz a prova escrita e a entrevista, análise do currículo e o barema. Para o mestrado indígena tinha 20 vagas para formação de professores em sala de aula, entre os concorrentes para as vinte vagas fui aprovada para cursar o mestrado. Hoje, sou mestra pelo mestrado Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Unemat de Barra do Bugres/MT, com vinte professores indígenas de onze etnias do estado de Mato Grosso. No dia 06 de janeiro de 2021, fui indicada pelos coordenadores pedagógicos locais, professores indígenas e comunidade para assumir a Coordenação Pedagógica da Educação Escolar Indígena de Tangará da Serra/MT.

Foi marcada uma reunião com o Secretário Municipal de Educação, Prof. Vagner Constantino Guimarães, para fechar a decisão que os professores, coordenadores e comunidade tomaram na primeira reunião. O Secretário Municipal de Educação acatou a decisão tomada pelos Haliti-Paresi. Tive que tomar uma decisão tão difícil na minha vida tanto pessoal, quanto profissional, nunca tinha trabalhado fora da minha comunidade e nunca tinha ficado longe da minha família. Foi então, que aceitei a proposta de trabalhar na cidade, na coordenação da educação escolar indígena. Comecei a trabalhar na Secretaria de Educação de Tangará da Serra/MT, no dia 21 de janeiro de 2021, no Departamento da Educação Escolar Indígena. O principal objetivo é fazer acompanhamento pedagógico das escolas indígenas, junto aos professores Haliti-Paresi e não indígenas no processo do ensino aprendizagem dos alunos indígenas Haliti-Paresi. Para melhorar a qualidade da educação escolar indígena Haliti-Paresi do Município de Tangará da Serra. Nos sete dias que restava no mês de janeiro foi para familiarizar com o local de trabalho, conhecer os colegas de trabalho e receber orientações da chefe do departamento pedagógico para poder iniciar o trabalho. Primeira coisa que fiz, foi fazer um planejamento e cronograma para poder executar o trabalho que teria que fazer. Momento difícil para mim, morar na cidade, ficar longe da família, morar sozinha, sem ter com quem conversar. Hoje, estou no ritmo do trabalho do não indígena, muitas coisas são diferentes do trabalho da aldeia, o horário tem que ser cumprido, bater o ponto todos os dias, quando for para aldeia justificar para onde foi, o que foi fazer na aldeia, estou aprendendo muitas coisas novas no trabalho pedagógico. Sou grata por estar trabalhar no pedagógico, onde hoje os meus colegas de profissão me respeitam como professora Haloti, que são os não indígenas e tenho grande respeito por eles, estamos fazendo troca de conhecimentos e aprendizado. Só preciso me acostumar a morar na cidade, porque já faz seis meses que estou na cidade, preciso pegar o ritmo de morar na cidade.

A história da professora Nilce Zonizokemairô é marcada pelo desafio entre uma educação para a vida na aldeia e a outra para receber uma educação escolar que pudesse formá-la para se tornar também a educadora escolar das crianças da própria aldeia. Ao escutar o relato da professora encontramos elementos da história da implantação da rede escolar nas aldeias, do processo de formação de professores indígenas e de como as mulheres indígenas, ainda meninas tiveram de transpor as

barreiras da língua e da cultura para viver em um mundo hostil e por vezes violentos com toda a sorte de discriminação. Por outro lado, também neste contexto se formaram alianças tanto dentro quanto fora das aldeias e assim foi possível vencer as dificuldades e garantir cada conquista.

Esse processo singular é parte de um movimento coletivo nacional, iniciado a partir da constituição de 1988, que atribuiu ao Ministério da Educação a função de realizar políticas públicas por meio de normas e programas que pudessem garantir o direito a educação para todos. Neste contexto, um dos documentos apresentados foi o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas - RCNE/Indígena (1998) que aponta como necessário contemplar a heterogeneidade e as vivências dos povos indígenas do Brasil em suas diversas especificidades e particularidades, privilegiando seus conhecimentos e saberes milenares no processo de ensino e aprendizagem nas escolas específicas, diferenciadas e acessíveis. Em decorrência dessa normativa também prevista na LDBEN (1996) se instituem programas de implantação das escolas indígenas e assim instituições de ensino superior viram nesta vertente a possibilidade de mais um nicho de formação: a qualificação de professores indígenas. De outro lado também os povos indígenas demandavam a formação para que os próprios indígenas pudessem ocupar os cargos em profissões que adentravam as aldeias, principalmente nas áreas de educação e saúde.

A profa. Nilce Zonizokemairô precisou romper com dois estigmas impostos a ela pela sociedade não indígena: o fato de ser indígena e de ser mulher. Este cenário, conforme Baniwa citado por Luciano (2006), é construído a partir da tese de que existem duas perspectivas sociais estigmatizantes sobre os indígenas que foram forjadas desde a chegada dos colonizadores no Brasil. A primeira se refere ao índio romantizado, ligado a ideia do bom-selvagem, de um ser idílico, puro, ingênuo, protetor da natureza, índio manso, atribuído de valores europeus, cuja imagem foi apropriada para construção de uma identidade nacional durante o movimento literário modernista e durante o romantismo e, por fim, necessitado de tutela para ser “assimilado” e “integrado” à sociedade moderna. A segunda imagem se refere ao índio selvagem, bravo, cruel, bárbaro, canibal, preguiçoso, animalizado, dentre outros adjetivos pejorativos. Esta visão é historicamente acionada para tratar do indígena quando este é percebido como entrave aos interesses econômicos e desenvolvimentistas, e para justificar seu extermínio quando há interesse nas terras indígenas e em seus recursos naturais.

Se para os homens indígenas essa prerrogativa já interfere nas suas condições de ingresso e permanência nos processos de formação e depois de atuação como profissionais da educação, para as mulheres isso ocorre com maior intensidade e frequência, pois culturalmente é das mulheres o papel do cuidado dos filhos, da casa, do esposo e dos velhos. As pesquisas sobre a desigualdade de gênero na distribuição do trabalho de cuidado, a falta de reconhecimento e apoio institucional e a ausência de políticas públicas apontam que existe um complicador muito relevante quando a mulher se sobrecarrega em suas funções.

O cenário resultante da sobrecarga das atividades das mulheres, quando precisam deixar suas casas e famílias para realizar processos formativos ou atuar no mercado de trabalho causa esgotamento da saúde física e mental. Quando as mulheres cuidadoras estão vulneráveis, aqueles que dependem desse cuidado também ficam desamparado. (Ipê, Achcar, 2025).

Esse ainda é o dilema da maior parte das mulheres indígenas que participam das organizações com lideranças femininas e que constroem uma carreira profissional. Entretanto é também diante dessas adversidades que observamos a importância da educação realizada na aldeia que estabelece já na infância uma preparação para a resistência e enfrentamento das dificuldades, bem como da sororidade entre as mulheres que ensinam e aquelas que aprendem.

Assim a presença das mulheres genitoras, mães, avós, irmãs, tias, sobrinhas e filhas que se unem para garantir que uma delas vai estudar, ou para receber e acalmar quando a pessoa já não consegue suportar a dor, ou para ensinar a cuidar da casa, dos filhos e preparar os alimentos é o elo de cumplicidade construídas nas vivências.

A seguir apresentamos a narrativa de Dona Luciana, parteira, agente de saúde e minha mãe. Nesta parte da pesquisa o meu envolvimento como filha e depois como pesquisadora se misturam com as palavras e os sentimentos da pessoa que também é a voz da minha própria ancestralidade.

Aqui vou contar um pouco da minha história como eu aprendi a fazer parto. Eu era muito curiosa quando era menina, eu acho que tinha uns 9 anos para 10 anos, aí quando as parteiras iam fazer parto na aldeia, eu ia com a minha tia que era parteira. Eles não deixavam criança ficar perto, mas eu fazia de tudo para eu entrar e ver como era fazer parto, aí elas fechavam a porta, mas eu entrava escondido e ficava sentado no canto olhando como elas faziam e com isso eu aprendi. Sempre falo que eu nunca

esperava de fazer esse trabalho. Depois disso cresci, casei nova, casei com 15 anos aí sai da casa do meu pai para morar na aldeia do meu esposo. Ele já trabalhava na saúde, fazia parto aí eu conheci a acompanhar ele para ajudar, então as pessoas começaram a me procurar, podia ser noite ou dia, quando chegava o dia. Nesta época era muito difícil de fazer o pré-natal, mas como parteira a gente já sabia, eu aprendi com as mais velhas a pegar na barriga e saber as posições da criança e se vai demorar ou não pra nascer a criança. O tempo foi passando e na região todos me procuravam a qualquer hora eu ficava muito feliz. Já fiz muito parto e isso é muito gratificante! Isso foi até 2003/2004 fazia muito parto na aldeia e de lá pra cá ia diminuindo. Tinha benzedor também para benzer a criança para nascer rápido. O parto normal é muito bom porque a mulher fica saudável. As mulheres do povo Haliti-Paresi quando engravidava ela não podia comer certos alimentos que ela não comia e nem certos animais poderia segurar. O marido não podia fazer bola, nem trançar essas tranças que hoje tem nas pinturas para que o parto fosse bom e a criança nascesse saudável. Após o parto a mulher não saia da casa de 6 meses a 1 ano, tomava banho dentro de casa num canto da casa que é preparado pra isso. Quem cuida da casa nesse período é a mãe ou a irmã da mulher que está com filho pequeno. Após este período o benzedor, pajé, benzia para ele poder sair da casa e voltar a fazer as atividades dela. Hoje em dia mudou muito e não é mais assim, por isso nós temos esses remédios tradicionais pra tomar após o parto porque deixavam as mulheres fortes. A parteira ou a alguém da família pegava para fazer e após o parto a mulher tomava para a menstruação parar mais rápido e depois de um ano que a menstruação voltava a “descer”, porque também a mulher guardava a dieta. Hoje não acontece mais isso, as meninas engravidam e nem elas e nem os maridos guardam dietas nem antes da criança nascer nem depois. Hoje é muito difícil fazer o parto na aldeia, vai só para a aldeia, pois a maioria faz parto cesariana. Eu fico triste porque a cesariana prejudica muito a saúde da mulher. Hoje tem equipe de saúde na área (território indígena), técnica de enfermagem, enfermeira e médica que acompanham a gestação e quando está chegando o dia do parto encaminha para a cidade. A maioria é parto cesariana e logo que recebe alta do hospital já estão andando na rua o que é errado porque criança pequena não pode andar no sol, porque para nós Haliti o sol prejudica o bebê e a mãe. Se acontece de guardar a dieta é só um mês. Antigamente quase não sentia cólica menstrual e a menstruação não vinha muito, mas hoje em dia mesmo usando o absorvente até “vaza” porque tudo está mudado. Hoje algumas pessoas me

procuram para ver se a gestante vai conseguir chegar na cidade, as vezes acontece de estar chegando a criança nasce no carro de saúde. Alguns partos acontecem na aldeia. Ainda tem parteira, algumas, mas tem. Mas isso que estou contanto, aprendi com minha tia e com meu esposo. Fazer um parto é muito gratificante. Hoje em dia a crianças já vem da cidade, após o nascimento, com o registro de nascimento. Antigamente facilitava o resguardo da mulher quando ela guardava a dieta corretamente. Os meus partos foram todos na aldeia, foram cinco filhos, e quem fez foram minhas tias. Hoje eu vejo as crianças que eu fiz o parto, todos adultos hoje com suas famílias. Já fiz parto difícil e o mais difícil foi gêmeos que não dava pra saber que era porque não fazia pré-natal, mas deu tudo certo e isso é muito gratificante.

Um diálogo entre duas pessoas que se conhecem é marcado pelos entendimentos daquilo que não é dito com palavras. Nesta conversa percebi que minha mãe desejava que eu falasse o que ela sobre as histórias dela, da infância, dos filhos e da minha própria vida, pois ela considera que já me falou de tudo isso inúmeras vezes. Mas aqui temos o limite da pesquisa que é a fala registrada a partir do que foi dito pela pessoa e assim se destaca a mulher parteira que ela foi e continua sendo.

A parteira também é uma pessoa importante na aldeia, pois ela ensina sobre a vida, os cuidados que precisa ter com o nascimento de uma criança. Ela tem a sabedoria de quem conhece as plantas e isso não é só para o parto, mas também para o cuidado com a saúde e por isso muitas parteiras se tornaram agentes de saúde, pois junto com o pajé elas cuidavam das pessoas atuando na cura material e espiritual das pessoas.

Ao ouvir estas três mulheres observo que cada uma delas tem um papel fundamental na vida particular e coletiva de todos que vivem na aldeia. E que a história delas se misturam com a minha, assim como se misturam com as das outras mulheres que vivem na aldeia. Uma *Haloti* conhece e entende a outra *Haloti* só de olhar. Quando criança aprendemos primeiro a falar na língua materna e junto com as palavras vem os ensinamentos que representam a nossa posição de liderança dentro do nosso povo e também quando estamos fora da aldeia. Hoje as mulheres tem cada vez mais ocupando posições de liderança como é o caso de ter mulher cacique, mulher nas associações, na escola, no posto de saúde. Mas isso também foi possível porque escutamos das nossas ancestrais que era possível, que podíamos ir.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente tínhamos como objetivo compreender como as mulheres Haloti preparam umas às outras, para atuarem na sociedade indígena Haliti-Paresi, entretanto a partir desta pesquisa descobrimos que essa preparação se estende para qualquer espaço que a *Haloti* possa estar. Com o pressuposto de que a mulher Haloti pode estar aonde ela desejar pudemos constatar que uma formação dada e recebida dentro da cultura fortalece a mulher de modo material e espiritual. E estando fortalecidas espiritualmente podemos enfrentar qualquer situação.

Ao investigar os processos históricos das *Haloti*, se confirma sua luta pelo seu povo, tradições e legados femininos que são passados das mais velhas para as mais novas. Seus espaços conquistados nas áreas de trabalho do não indígena como em escolas e posto de saúde assim como também sua resistência nas lutas pelo território e fortalecimento cultural. Hoje, ocupam espaços em todos os lugares da sociedade do povo *Haliti-Paresi*, dando voz feminina em todas as decisões. Mas também já tem o respeito da sociedade não indígena que também aprendeu que não adiantava assustar as meninas, conforme o relato da profa. Nilce Zonizokemairô, pois ela chegou ao cargo de responsável pelas escolas indígenas e tem marcado posição em todos os diálogos que estabelece.

Na minha pesquisa ficou evidente que a formação de ensino superior é uma das portas que se abrem ao universo das mulheres indígenas, pois garante a elas a possibilidade de fala e de trabalho. Ao fortalecer a compreensão da vida em comunidade, foi possível levar a outras meninas e mulheres o reconhecimento da força e luta indígena feminina, dando a compreender que também poderão ser protagonistas junto do nosso povo *Haliti-Paresi*. Contudo não podemos esquecer que o sucesso na educação escolar também só é possível porque houve uma educação própria do povo *Haliti-Paresi*. E essa educação tem uma grande importância para as mulheres que, à medida que as mais jovens vão conhecendo, elas também se sentem fortes para enfrentar as adversidades.

A luta das professoras e da agente de saúde mostra que mesmo tendo ocorrido mudanças históricas e significativas, como a substituição da parteira pelo médico ou mesmo da mãe, tias, avós pela professora, ainda assim os aprendizados sobre a cultura é o que faz ser uma mulher resistir e vencer como uma *Haloti*. Nos relatos das

participantes da pesquisa, seja para a produção do texto, ou seja, para a gravação do vídeo, identificamos que o fortalecimento da vida profissional da professora está diretamente relacionado à valorização do profissional da educação escolar indígena do seu povo. E que estas mulheres ao exercerem suas profissões tem um papel fundamental e importante na comunidade, elas são lideranças que exercem vários papéis na comunidade, junto com a comunidade *Haliti-Paresi*, no fortalecimento e na valorização dos conhecimentos tradicionais.

Para entender um pouco mais sobre o fortalecimento do papel da *Haloti*, produzi um documentário, registrando como uma *Haloti* em seus afazeres cotidianos, na participação nas festas tradicionais enfim em todas as práticas culturais é capaz de aprender e ensinar os saberes ancestrais. No documentário fica evidente a luta das *Haloti* para preservar a cultura do seu povo e também para exercer o protagonismo do papel diante da sua comunidade. Enfim, entrego esse texto para que toda a *Haloti* possa se ver e sentir parte dessa história que é nossa e que pode ser contada ainda deste e de outros modos por muitas outras mulheres do meu povo. E também para todas as que não são *Haloti*, mas são mulheres, deixo o sentimento de sororidade de que cada uma encontre nos conhecimentos da sua ancestralidade a força que cada mulher possui dentro de si.

Esta pesquisa também buscou compreender, valorizar e evidenciar o papel das *Haloti* na preservação, transmissão e fortalecimento da minha cultura *Haliti-Paresi*, situando essa reflexão no contexto da educação escolar indígena. Ao longo do trabalho, foi possível constatar que a participação das jovens nos rituais e preparativos para a festa tradicional vai muito além de uma função cultural, ela representa um espaço formativo, de reafirmação identitária e de fortalecimento comunitário.

Na perspectiva do ensino, o estudo reafirma que a educação escolar indígena deve estar profundamente articulada à realidade cultural, social e linguística do povo que atende. Nesse sentido, o documentário produzido como produto educacional torna-se uma ferramenta de extrema relevância, por estar na língua materna e registrar práticas, narrativas e vivências que podem ser problematizadas e discutidas junto aos estudantes. Seu uso em sala de aula possibilita o diálogo sobre pertencimento, resistência, valorização da cultura e a compreensão das dinâmicas de gênero no contexto *Haliti-Paresi*.

A história de vida das *Haloti* é marcada por lutas silenciosas e também por protagonismos visíveis. Trazer essas histórias para a escola significa produzir

reflexões sobre gênero e feminismo a partir de uma perspectiva própria, que não se opõe, mas se complementa, valorizando as diferenças e a força das mulheres em todos espaços. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem a contribuição das mães das crianças para a comunidade, ampliando o entendimento sobre o cuidado, a educação e o trabalho cultural e político realizado por essas mulheres moldam a identidade coletiva.

É igualmente importante criar espaços de diálogo intergeracional, convidando *Haloti* de diferentes idades para narrarem suas experiências de luta, seja na cultura, nos movimentos sociais ou na vida doméstica. Essas narrativas são fontes riquíssimas para que as novas gerações compreendam a profundidade e a complexidade do papel feminino na sociedade *Haliti-Paresi*.

Esta dissertação abre caminhos para que indígenas e não indígenas reconheçam o valor da *Haloti*. Afirma que toda *Haloti* pode estar onde quiser, ocupando espaços acadêmicos, culturais, políticos e sociais. Há uma rede de mulheres envolvida na produção deste trabalho, cuja ação reverbera para além do campo acadêmico, inspirando transformações em diferentes espaços.

O princípio “*Haloti* ensina o *Haliti*” reforça que a cultura não é apenas herança, mas também compromisso com o agora. Como *Haloti*, minhas perspectivas futuras incluem ampliar a produção de materiais educativos na língua materna, fomentar pesquisas participativas com foco nas mulheres e contribuir para que as escolas indígenas sejam cada vez mais espaços de valorização, orgulho e fortalecimento identitário.

Assim, encerro este trabalho com a convicção de que a educação, aliada à cultura e à memória coletiva, é uma das mais poderosas ferramentas de resistência e transformação, e que a força das *Haloti* seguirá inspirando e guiando esse caminho.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, L. M. A. **Femininos subalternos**. Universidade Federal de Pelotas, RS, 2017.

BANIWA, Gersen. Professores indígenas – a especificidade da educação escolar indígena. In: **Seminário de Educação Escolar Indígena no Amazonas**, 1., 1998, Manaus. *Anais* [...]. Manaus: [s.n.], 1998.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/>.>. Acesso em: 16/11/2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei 12.796 de 04 de abril de 2013**. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm>. Acesso em: 06 de maio de 2025.

IPÊ, Bárbara, ACHCAR, Tatiana. **Cuidar é trabalho**: por que ainda é uma responsabilidade das mulheres? Le Monde Diplomatique/Brasil. Março de 2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cuidar-e-trabalho-por-que-ainda-e-uma-responsabilidade-das-mulheres/>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 85p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LDBEN/BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LUCIANO, G. S. **O índio brasileiro**: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento do espírito humano**. Tradução de Luiz Costa Lima. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

MUNDURUKU, D. **O banquete dos deuses**: Conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.

REVISTA AMAZÔNIA. **Tradição viva parteiras indígenas e o nascer na floresta.** Belém-PA: Ed. Sirius, 2025. Disponível em: <https://revistaamazonia.com.br/parteiras-indigenas-e-saude-ancestral/>. Acesso em 25 de maio de 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

RCNE/INDIGENA. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

SACCHI, Angela Célia. Mulheres indígenas e organização política: união, luta, força e resistência. **Revista Antropológicas**, v. 8, n. 2, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/256854>. Acesso em: 8 de maio 2025.

SÁNCHEZ NÉSTOR, Martha. Ser mujer indígena en México: una experiencia personal y colectiva en el movimiento indígena en la última década. In: Sánchez Néstor, Martha (coord.) (2005), **La doble mirada: voces e histórias de mujeres indígenas latinoamericanas**, México, Instituto de Liderazgo Simone de Beauvoir-Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer UNIFEM. Disponível em: <https://ilsb.org.mx/wp-content/uploads/2019/06/la-doble-mirada.pdf> Acesso em 9 de maio de 2025.

SEGATO, Rita Laura. Uma agenda de ações afirmativas para as mulheres indígenas no Brasil. **Série Antropologia**, Brasília, v. 326, 2003.

VERA, Giovanny. **PGTA: acordos para o futuro.** Cuiabá-MT: OPAN, 2017. Disponível em: <https://amazonianativa.org.br/2017/10/23/pgta-acordos-para-o-futuro/> Acesso em: 10 de maio de 2025.

VIEIRA, Thierry Padilha Freire; SILVA, Emanuel Luiz Pereira; NUNES, Jeovana Batista de Sousa. A expropriação e o desenvolvimento socioeconômico em territórios indígenas. **Revista Argum.** Vitória, v. 16, n. 3, p. 164-177, set./dez. 2024. ISSN 2176-9575.

VILELA. Ana Carolina. Comunidade se despede de principal cacique indígena Parecis. Tangará da Serra-MT: **Diário da Serra**, 2018. Disponível em: <https://diariodaserra.com.br/Noticia/Detalhes/MTc0Njcw> Acesso em: 05/05/2025.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



NEUDVANIA ONAEZOKENAZOKAEROSE

PARA ENSINAR E APRENDER: AS MULHERES HALOTI E SEU PAPEL NA
EDUCAÇÃO DO POVO HALITI-PARESI

BARRA DO BUGRES/MT
JULHO/2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



NEUDVANIA ONAEZOKENAZOKAEROSE

PARA ENSINAR E APRENDER: AS MULHERES HALOTI E SEU PAPEL NA
EDUCAÇÃO DO POVO HALITI-PARESI

Produto Educacional de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-Área de concentração e ensino: Ensino, docência e interculturalidade.

Orientadora: Professora Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinsk.

BARRA DO BUGRES/MT
JULHO/2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
1. Descrição do conteúdo e elaboração do Vídeo Documentário.....	4
2. Potencial Educativo do Documentário	6
3. Formas de trabalho na escola.....	7
4. Avaliação do Documentário	8
5. Link de Video.....	9
REFERÊNCIAS.....	10

APRESENTAÇÃO

Como produto educacional apresento este documentário que tem como tema central a importância da participação das jovens Haloti Paresi nos rituais de preparo para a festa tradicional.

A produção busca mostrar que a presença ativa das crianças e jovens nos rituais não é apenas uma prática cultural, mas um ato de resistência, fortalecimento da identidade e conexão com os ancestrais. Ao aprenderem e vivenciarem os costumes, elas garantem a continuidade da cultura do meu povo Haliti-Paresi e reafirmam que suas raízes são motivo de orgulho.

A cultura indígena se mantém viva na medida em que as novas gerações participam ativamente dos rituais e da vida comunitária. Essa transmissão intergeracional garante identidade e resistência frente às pressões externas” (Terças et al., 2016, p. 230).

Além disso, o documentário evidencia como essa participação contribui para o sentimento de pertencimento das novas gerações, tornando a cultura viva e transmitida de forma coletiva, fortalecendo a comunidade como um todo.

Este trabalho tem como objetivo sensibilizar o público para a relevância da cultura indígena e valorizar a voz e o protagonismo das jovens Haloti Paresi na preservação do seu patrimônio cultural.

1. Descrição do Conteúdo e Elaboração do Vídeo Documentário

O vídeo documentário tem como tema a importância da participação das crianças e jovens Haloti Paresi nos rituais de preparo para a festa tradicional. Ao longo das cenas, são mostrados os momentos de aprendizado, organização e envolvimento das crianças e das jovens Haloti Paresi nas atividades culturais que antecedem a festa tradicional, evidenciando como essas práticas fortalecem a identidade, a memória e o sentimento de pertencimento à comunidade Haliti-Paresi.

O documentário foi elaborado a partir de fotos e vídeos, sempre buscando captar cenas espontâneas do cotidiano cultural das crianças e jovens Haloti Paresi. O roteiro foi escolhido para valorizar o olhar das próprias crianças e jovens e dar visibilidade ao papel que elas desempenham na preservação da cultura tradicional do nosso povo Haliti-Paresi. Por isso, a

narrativa segue uma linha cronológica simples, acompanhando a preparação para festa tradicional e destacando a importância da transmissão dos saberes tradicionais de geração em geração.

Na imagem a seguir podemos ver uma menina aprendendo o trançado de buriti com sua mãe. A criança observa o trabalho da mãe e repete os mesmos movimentos.

Figura 1: Fotografia da mãe ensinando para a filha o trançado de buriti



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nesta cena observamos uma pedagogia que envolve a todos e de acordo com Oliveira (2013) se dá mediante um duplo movimento que envolve uma “preocupação” em ensinar por parte das gerações mais velhas e um “interesse” em aprender por parte das gerações mais jovens, o que vai resultar em um processo no qual, tanto quem ensina como quem aprende, são considerados sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

Já na imagem a seguir vemos o registro do momento em que anciã observa as cabaças de chicha organizadas para serem servidas durante a festa.

Figura 1: Foto da Dona Linda dentro da Hati organizando as cabaças cheias de chicha



Fonte: Acervo da Pesquisadora.

A realização de um ritual inicia com a preparação que deve atender as regras da cultura. Munduruku (2009) afirma que os rituais de cada povo são, ao mesmo tempo, escola e livro, porque são neles que a memória do nosso povo é guardada e compartilhada.

Neste documentário são retratados muitos desses rituais que envolvem as Haloti ensinando e aprendendo. Participaram da produção as próprias crianças, as jovens Haloti e as mulheres Haloti locais que apoiaram o registro das imagens e colaboradores que auxiliaram na edição do material.

Não houve atuação encenada, todas as fotos e vídeos foram registradas durante atividades reais. A narração do documentário está na língua materna do meu povo Haliti-Paresi que pertence ao tronco linguístico Aruak, a narração na língua materna foi mantida para preservar a autenticidade cultural, a legenda está em português para facilitar a compreensão de diferentes públicos.

2. Potencial Educativo do Documentário

Este vídeo documentário pode ser utilizado como material didático por abordar temas relevantes como cultura indígena, identidade, diversidade e respeito às culturas tradicionais dos povos originários do Brasil.

Ele pode ser trabalhado em diferentes etapas da educação:

- Ensino Fundamental (anos finais) – em disciplinas como Língua Materna, História Indígena e Língua Portuguesa, para ampliar a compreensão dos alunos sobre a importância e a diversidade cultural, e esse vídeo documentário vai estimular os alunos a valorização da identidade indígena Haliti-Paresi.

A BNCC reconhece a importância de práticas pedagógicas que considerem a diversidade étnica e cultural, promovendo o respeito às identidades e tradições dos povos indígenas” (Brasil, 2018, p. 12).

- Ensino Médio – nas áreas Língua Materna e Linguagens, contribuindo para debates sobre a pluralidade cultural, preservação da cultura tradicional e a importância do protagonismo das jovens Haliti Paresi.

3. Formas de trabalho na escola

- Exibição do documentário seguida de uma roda de conversa ou conversa sobre o vídeo documentário.
- Produção de texto (relatos na língua materna) inspirados no conteúdo.
- Comparação com outras culturas indígenas de outros povos para ampliar o conhecimento.

Dessa forma, o documentário não é apenas um registro visual, mas um recurso pedagógico para sensibilizar os alunos sobre a importância da preservação da cultura tradicional, o respeito com a identidade e o protagonismo das crianças e jovens Haliti Paresi.

A partir do documentário pode-se desdobrar outras ações como:

Fortalecimento das ações da mulher na dimensão cultural Haliti-Paresi a partir de diálogos entre escola e comunidade.

Produção de livretos junto com os estudantes sobre história da vida das suas mães;

Criação de quadrinhos com personagens mulheres Haloti e suas funções na sociedade Haliti-Paresi;

Confecção de murais de texto, poesias, histórias sobre as mulheres Haloti;

Cuidados com a saúde da mulher-menina-moça (trabalhar conforme faixa-etária);

Levantamento da participação da mulher na cosmologia Haloti;

4. Avaliação do Documentário

Este documentário tem grande importância porque cumpre o papel de registrar e valorizar o protagonismo das jovens Haloti Paresi na preservação e continuidade da sua cultura tradicional. Ele contribui para dar visibilidade a uma cultura que, muitas vezes, é pouco conhecida, reforçando a necessidade de respeito e reconhecimento aos povos originários.

A produção se torna um recurso valioso tanto na própria comunidade indígena Haliti-Paresi, como forma de memória e fortalecimento cultural, quanto para a sociedade em geral, que passa a conhecer melhor a riqueza da cultura tradicional do meu povo Haliti-Paresi. O vídeo será disponibilizado em formato digital, podendo ser exibido em escolas, eventos culturais, rodas de conversa e redes sociais. A ideia é que ele circule como material educativo e também como instrumento de valorização da cultura indígena Haliti-Paresi.

Meu interesse com este documentário é sensibilizar diferentes públicos sobre a importância da valorização e continuidade dos saberes tradicionais do meu povo Haliti-Paresi e valorizar o papel das jovens Haloti Paresi na preservação dos rituais tradicionais. “Fortalecer a cultura Haliti-Paresi significa fortalecer a juventude, pois é ela quem dará continuidade aos cantos, danças e histórias do nosso povo” (Nazokemai; Pereira, 2021, p. 78).

Ao dar voz e visibilidade a esses saberes tradicionais, espero contribuir para que mais pessoas reconheçam que cultura e saberes tradicionais são parte fundamental da identidade do Brasil e devem ser motivo de orgulho, respeito e resistência.

O documentário, enquanto proposta, atua como um recurso pedagógico que conecta a escola à realidade da comunidade Haliti-Paresi, permitindo que saberes tradicionais sejam valorizados e integrados ao currículo escolar. Ele contribui para contextualizar conteúdos, estimular o respeito à diversidade cultural e inspirar práticas pedagógicas interdisciplinares, possibilitando que alunos indígenas se reconheçam nas imagens e que estudantes não indígenas ampliem sua compreensão sobre a riqueza e a importância da cultura do meu povo Haliti-Paresi.

Link do vídeo: <https://youtu.be/Ei3yKfli0mc>



WhatsApp Video 2025-11-27 at 10.24.27.mp4

REFERENCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro** (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2009.

NAZOKEMAI, Pedro; PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. **A Hatti** (casa tradicional) do povo Haliti-Paresí. Revista de Comunicação Científica – RCC, Cáceres, v. 7, n. 1, p. 73-79, 2021.

OLIVEIRA, Melissa Santana de. **Nhanhembo'ê**: infância, educação e religião entre os Guaraní de M'Biguaçu, SC. In: Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização / Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Beleni Saléte Grando, Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque, organização. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012.

TERÇAS, Ana Cláudia Pereira et al. **Os Haliti-Paresí**: uma reflexão sobre saúde e demografia da população residente nas Terras Indígenas Paresí. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 226-253, 2016.